

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

GEOVANNA SILVA PINHEIRO

ATORES VIOLENTOS NÃO ESTATAIS NO HAITI: Análise dos impactos das gangues
segundo jornais locais (2018-2023)

São Luís
2026

GEOVANNA SILVA PINHEIRO

ATORES VIOLENTOS NÃO ESTATAIS NO HAITI: Análise dos impactos das gangues
segundo jornais locais (2018-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Relações Internacionais da
Universidade Estadual do Maranhão para o
grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Beatriz Walid de
Magalhães Naddi.

São Luís

2026

Pinheiro, Geovanna Silva.

Atores violentos não estatais no Haiti: análise dos impactos das gangues segundo jornais locais (2018-2023) / Geovanna Silva Pinheiro. - São Luís - MA, 2026.

60 f.

Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Walid de Magalhães Naddi.

1. Atores violentos não estatais. 2. Haiti. 3. Gangues. 4. Violência. 5. Porto Príncipe. I. Título.

CDU: 327.56:343.9.02(729.4)"2018/2023"

GEOVANNA SILVA PINHEIRO

**ATORES VIOLENTOS NÃO ESTATAIS NO HAITI: Análise dos impactos das gangues
segundo jornais locais (2018-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais da
Universidade Estadual do Maranhão para o
grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 09 / 07 / 2026



Documento assinado digitalmente
BEATRIZ WALID DE MAGALHAES NADDI
Data: 17/07/2026 18:28:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^a. Beatriz Walid de Magalhães Naddi
Doutora em Relações Internacionais
Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente
CARLOS ROBERTO STAINE PRADO FILHO
Data: 17/07/2026 11:57:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Roberto Staine Prado Filho
Doutor em Relações Internacionais
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dr. Thiago Allisson Cardoso de Jesus
Doutor em Políticas Públicas
Universidade Estadual do Maranhão

*Mas é preciso é ter força,
é preciso ter raça,
é preciso ter gana sempre.
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria.*

Milton Nascimento

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as orações atendidas e por me dar até mais do que mereço. Por ter colocado boas pessoas no meu caminho ao longo desta trajetória, por me capacitar emocionalmente e por me mostrar que eu consigo.

Aos meus pais, Jorge Cutrim Pinheiro e Rita de Cássia Machado Silva. Ao meu pai, que todos os dias fazia questão de me levar à faculdade e aonde mais eu precisasse, sempre com segurança e zelo. À minha mãe, que, mesmo distante, se fez presente, sempre acreditando nos meus sonhos e no meu potencial, até mais do que eu mesma. Aos dois, pelo amor, pela educação e pelo carinho incondicional. Vocês são a minha base.

Aos meus irmãos, Jocássia e Jocássio. Vocês são o maior presente que meus pais me deram, meus maiores incentivadores e meus melhores amigos. Vocês são o meu lar.

À minha irmã, por toda a paciência, por escutar todos os dias as minhas inquietações e me acolher com carinho, por acreditar em mim mais do que eu mesma, por me acolher em todas as circunstâncias, por deixar as coisas mais leves com seu jeito de ser e por me trazer alegria nos momentos difíceis. Ao meu irmão, pelo cuidado e carinho de sempre, pelos incentivos e por dizer que as coisas vão dar certo.

Ao meu sobrinho, Heitor, por trazer alegria para as nossas vidas.

Ao meu tio, Edson Cutrim Pinheiro (*in memoriam*). Por todas as memórias felizes da infância e do começo da adolescência que me acompanham e me acolhem, porque você esteve presente na maior parte delas. Sei que ficaria feliz por mim agora.

À minha avó, Leonete, pelo carinho e amor, pelas lembranças felizes da infância que passamos juntas e que hoje servem de afago à mente.

À minha tia Argélia e à minha prima Alana, que, mesmo com a rotina apertada, sempre me ligavam quando eu não tinha tempo por causa da faculdade, oferecendo carinho e me convidando para fazer um bolinho, passar a tarde juntas e nos divertir.

Ao meu namorado, Carlos Suzarte, por tornar os dias mais leves com seu carinho e amor. Por escutar meus medos, me acolher, me lembrar de ser mais paciente e de continuar, “porque ainda tem muito tempo pra isso, Geovanna”.

Aos meus gatos, Pepeu, Leon, Luna (*in memoriam*) e Solar, pelo apoio diário. Por se sentarem — ou, na maioria das vezes, se deitarem — na mesa junto comigo para estudar, dormindo enquanto eu seguia escrevendo, e por passarem tantas tardes e noites ao meu lado.

Aos meus amigos de escola, Bruna, Luccas, Wallyson e Zenite, por terem acompanhado cada fase e por sempre oferecerem palavras de incentivo.

Às minhas amigas da graduação, Luiza, Lara e Lorena, por todos os cafezinhos, risadas e momentos compartilhados, fossem eles bons ou difíceis. Vocês tornaram essa caminhada mais leve.

A todas as pessoas que ofereceram carinho e suporte, cada uma à sua maneira: Pedro, Gessica, Rose, Lurdinha, Manoel e Poliana.

À minha orientadora, Beatriz, por se fazer presente, pela orientação, pela paciência e por ter me ajudado a amadurecer a construção desta pesquisa. Sua presença foi essencial nesse período.

À Universidade Estadual do Maranhão, pela criação do curso dos meus sonhos. Obrigada por ter me ajudado a me formar na área que eu queria, na minha cidade e no meu estado, sendo capaz, hoje mais do que nunca, de entender que as Relações Internacionais se fazem em todos os lugares do mundo.

Ao grupo de pesquisa Observatório do Mundo Contemporâneo e, mais especificamente, ao professor Thiago Allisson, pela oportunidade de ter contribuído com a Iniciação Científica do curso de Relações Internacionais. À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), pela bolsa concedida durante a Iniciação Científica. Por meio do projeto de pesquisa “Estratégias de Guerra e Tensões no Sul Global”, encontrei este campo de pesquisa que tanto me desperta curiosidade e apreço: o Sul Global. Estudar quem somos e os tantos outros de nós, cada um com suas particularidades e seus próprios desafios, foi essencial para a minha trajetória.

RESUMO

O fortalecimento de atores violentos não estatais tem se consolidado como um dos principais desafios à segurança contemporânea, especialmente em contextos marcados pela fragilidade institucional. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo mapear e analisar a atuação de gangues como atores violentos não estatais no Haiti entre 2018 e 2023, a partir de matérias jornalísticas publicadas pela imprensa haitiana, buscando identificar os principais grupos armados, as localidades mais afetadas, as formas de violência empregadas e os impactos decorrentes delas. Partindo da hipótese de que o agravamento da fragilidade institucional haitiana entre os anos analisados no trabalho ampliou o vácuo de poder e contribuiu para a expansão das gangues e intensificou seus impactos sobre a população civil. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualiquantitativa, fundamentada em fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são as notícias publicadas pelos jornais haitianos *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*, enquanto as fontes secundárias incluem livros, artigos científicos, teses, dissertações e relatórios internacionais. Ao todo, foram incluídas 67 matérias jornalísticas na análise. Os resultados indicaram a predominância de gangues vinculadas às coalizões G-Pèp e G9, com maior localidade atrelada à metrópole haitiana, Porto Príncipe. Quanto às formas de violência identificadas, incluem-se principalmente os confrontos, homicídios, sequestros e violência de gênero, o que indica a predominância da violência direta, ao mesmo tempo em que os impactos das ações violentas se referem majoritariamente ao terror e à insegurança da sociedade haitiana. A análise também evidenciou que, ao longo do período estudado (2018 a 2023), a incidência de notícias reportando a violência aumentou, o que indica que as sucessivas crises que ocorreram nesse período apenas se agravaram ao longo do tempo. Portanto, concluiu-se que as gangues protagonizaram, durante o período analisado, as dinâmicas políticas e sociais do Haiti, controlando a segurança e aprofundando as marcas de violência que perduram desde o período colonial.

Palavras-chave: atores violentos não estatais; Haiti; gangues; violência; Porto Príncipe

ABSTRACT

The strengthening of violent non-state actors has become one of the main challenges to contemporary security, especially in contexts marked by institutional fragility. In this sense, this research aimed to map and analyze the activities of gangs as violent non-state actors in Haiti between 2018 and 2023, based on news reports published by the Haitian press. It sought to identify the main armed groups, the most affected locations, the forms of violence employed, and their resulting impacts. The study is based on the hypothesis that the worsening of Haiti's institutional fragility during the period under analysis expanded the power vacuum, contributed to the growth of gangs, and intensified their impacts on the civilian population. Methodologically, the research adopts a qualitative and quantitative approach, grounded in both primary and secondary sources. The primary sources consist of news reports published by the Haitian newspapers *Le Nouvelliste* and *Haiti en Marche*, while the secondary sources include books, scientific articles, theses, dissertations, and international reports. In total, 67 news reports were included in the analysis. The results indicated the predominance of gangs linked to the G-Pèp and G9 coalitions, with the highest concentration of reported activity in the Haitian capital, Port-au-Prince. The main forms of violence identified included armed clashes, homicides, kidnappings, and gender-based violence, indicating the predominance of direct violence. At the same time, the impacts of these violent actions were mainly related to the spread of fear and insecurity within Haitian society. The analysis also showed that, throughout the period studied, from 2018 to 2023, the incidence of news reports addressing violence increased, suggesting that the successive crises that occurred during this period worsened over time. Therefore, the study concludes that, during the period analyzed, gangs played a central role in Haiti's political and social dynamics, controlling security and deepening patterns of violence that have persisted since the colonial period.

Keywords: violent non-stat actors; Haiti; gangs; violence; Port-au-Prince

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Metodologia	12
2	ATORES VIOLENTOS NÃO ESTATAIS: CONCEITOS, ORIGEM E DINÂMICAS NOS CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS.....	15
2.1	Transformação da natureza dos conflitos armados contemporâneos	15
2.2	O que são os atores não estatais violentos?	18
2.3	O impacto dos atores não estatais violentos na vida civil	22
3	HAITI: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	24
3.1	A colonização	25
3.2	O pioneirismo na luta pela independência	27
3.3	As falhas institucionais e os desastres naturais.....	30
4	OS ATORES NÃO ESTATAIS VIOLENTOS HAITIANOS (2018-2023).....	33
4.1	Surgimento dos atores não estatais violentos haitianos	36
4.2	Principais gangues e coalizões criminosas.....	38
4.3	Territorialização: principais cidades e comunas sob influência	40
4.4	Tipologias da violência e seus impactos sobre o Haiti.....	42
4.4.1	Principais formas de violência identificadas	42
4.4.2	Classificação da violência segundo sua natureza	43
4.4.4	Distribuição temporal das ocorrências	46
5	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICE A – Planilha de mapeamento das matérias jornalísticas analisadas.....	55

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os conflitos armados passaram por transformações significativas. Se, anteriormente, as guerras eram predominantemente caracterizadas por confrontos entre Estados, observa-se, atualmente, a crescente participação de atores violentos não estatais (AVNEs) em diversos cenários de conflito. Nesse contexto, o Haiti destaca-se como um dos casos mais emblemáticos do fortalecimento de atores violentos não estatais no século XXI. Embora o país tenha protagonizado um dos episódios mais marcantes da história moderna ao conquistar sua independência em 1804 por meio de uma revolução liderada por escravizados, sua trajetória posterior foi marcada por sucessivas crises políticas, instabilidade institucional, dependência econômica e fragilidades estatais. Tais fatores contribuíram para a expansão da influência de grupos armados em diversas regiões do país.

Entre 2018 e 2023, particularmente, a crise haitiana apresentou um agravamento significativo. O período foi marcado por protestos populares relacionados ao aumento dos preços dos combustíveis e ao escândalo da PetroCaribe, pela intensificação da violência armada, pelo assassinato do presidente Jovenel Moïse, pela expansão territorial das gangues e pelo aprofundamento da crise humanitária. Nesse cenário, diferentes grupos armados consolidaram-se como atores centrais da dinâmica política e securitária haitiana, exercendo controle sobre bairros, rotas estratégicas e serviços essenciais, especialmente na região metropolitana de Porto Príncipe.

Assim, para analisar a ascensão desses grupos, este trabalho foi dividido em três capítulos. Primeiramente, foi apresentada uma discussão teórica sobre os atores violentos não estatais, enfatizando a transformação dos conflitos armados contemporâneos, pautada no conceito de novas guerras, proposto por Mary Kaldor (2012). No mesmo capítulo, foi realizada uma revisão de literatura sobre os principais conceitos relacionados aos AVNEs, incluindo os trabalhos de Williams (2008), Mandel (2013) e Thomas e Kyser (2002). Além disso, destacou-se o impacto desses grupos sobre a população civil. O segundo capítulo dedicou-se à contextualização histórica do Haiti. Para isso, foram analisados o processo de colonização de São Domingos, o protagonismo haitiano na luta pela independência e as fragilidades institucionais que marcaram a formação do Estado haitiano. Por fim, o terceiro capítulo concentra-se na análise empírica da pesquisa com base nas matérias jornalísticas dos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*. Inicialmente, discute-se o surgimento dos atores violentos não estatais haitianos, com base em Vincent (2024), bem como as principais gangues e coalizões criminosas identificadas no período. Em seguida, são analisadas sua distribuição territorial, as

principais cidades e comunas afetadas, as formas de violência registradas pela imprensa e os impactos associados à atuação desses grupos, considerando a classificação da violência, os efeitos sobre a população e a distribuição temporal das ocorrências entre 2018 e 2023.

Diante desse contexto, este trabalho busca responder à seguinte questão de pesquisa: quais foram as principais gangues, as localidades afetadas, as formas de violência e os impactos associados à atuação de atores violentos não estatais no Haiti entre 2018 e 2023, segundo a imprensa local. Parte-se da hipótese de que o agravamento da fragilidade institucional haitiana entre 2018 e 2023 ampliou o vácuo de poder estatal, o que permitiu a expansão das gangues para além das áreas periféricas e intensificou seus impactos sobre a população civil e os serviços essenciais.

Frente a isso, o objetivo geral desta pesquisa consiste em mapear e analisar, por meio de jornais haitianos publicados entre 2018 e 2023, a atuação de gangues como atores violentos não estatais. Para atingir esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) identificar os principais grupos armados não estatais mencionados na imprensa haitiana; 2) identificar as principais cidades e localidades afetadas pela atuação desses grupos armados; 3) quantificar e qualificar a incidência das diferentes formas de violência perpetradas pelas gangues, bem como os principais impactos associados à sua atuação e o ano correspondente.

Assim, para responder à questão proposta, adotou-se uma abordagem quali-quantitativa, baseada na análise de conteúdo de notícias publicadas nos jornais haitianos *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche* entre 2018 e 2023. As matérias selecionadas foram sistematizadas em uma base de dados própria, o que permitiu identificar os principais grupos armados, as localidades afetadas, as formas de violência e os impactos associados à atuação das gangues no período analisado. Essa base de dados serviu de fundamento para a elaboração dos resultados apresentados no capítulo 3 e encontra-se disponível no Apêndice A.

Para a construção do corpus documental, utilizaram-se como descritores de busca o termo “gang” e os nomes das principais gangues identificadas pelo Painel de Peritos das Nações Unidas sobre o Haiti (2023). Por fim, além das fontes acadêmicas e institucionais utilizadas para compreender a atuação dos atores violentos não estatais no Haiti, a literatura reconhece a relevância dos registros jornalísticos para o aprofundamento de fenômenos sociais complexos. Conforme argumenta Leite (2015), os jornais possibilitam identificar processos sociais e dinâmicas cotidianas que nem sempre são observados com o mesmo nível de detalhamento em outras fontes documentais. Nesse sentido, veículos haitianos, como *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*, constituem importantes instrumentos para compreender a evolução da violência armada e seus impactos na sociedade haitiana.

1.1 Metodologia

Este trabalho de conclusão de curso corresponde a uma pesquisa de natureza exploratória, fundamentada em fontes primárias e secundárias e desenvolvida por meio de uma abordagem quali-quantitativa. Nesse sentido, a pesquisa exploratória busca identificar, organizar e compreender os padrões de comportamento de atores violentos não estatais no Haiti, com base na cobertura jornalística publicada entre 2018 e 2023.

As fontes jornalísticas constituem o *corpus*¹ principal da análise, uma vez que registram a presença territorial das gangues, as formas de violência empregadas e os impactos decorrentes de suas ações. Já as fontes secundárias incluem relatórios internacionais, artigos científicos, teses, livros e dissertações que contribuem para a compreensão teórica, histórica e sociopolítica da atuação de atores violentos não estatais no Haiti.

Quanto à abordagem metodológica, o presente trabalho combinou procedimentos quantitativos e qualitativos. Em um primeiro momento, procedeu-se à quantificação dos dados obtidos a partir das notícias selecionadas. Posteriormente, procedeu-se à qualificação e à interpretação dos resultados, com o objetivo de compreender as dinâmicas de atuação das gangues e seus impactos na sociedade haitiana.

Para a classificação da violência, utilizou-se como referência o Relatório Global da Violência Armada (*The Global Burden of Armed Violence Report*, 2011), a partir de uma adaptação metodológica para o caso haitiano. Embora o relatório empregue a distinção entre mortes diretas e indiretas, neste trabalho foi realizada uma adaptação, substituindo a palavra “morte” por “violência” direta e indireta. Tal adaptação foi realizada com o objetivo de evitar uma leitura limitada das fontes utilizadas na pesquisa. Além disso, o relatório ainda contempla uma perspectiva de gênero, reconhecendo que determinadas formas de violência afetam de maneira específica mulheres e meninas, exigindo uma análise à parte para melhor compreensão dos seus impactos

Dessa forma, a violência direta corresponde a ações imediatas, físicas e visíveis; a violência indireta refere-se aos impactos estruturais, sociais e funcionais decorrentes da violência; e a violência de gênero compreende atos motivados por desigualdades estruturais e relações históricas de poder entre homens e mulheres. Além das categorias supracitadas, foi criada a categoria de violência mista. Essa classificação foi utilizada nos casos em que uma mesma notícia apresentava simultaneamente elementos característicos de mais de uma

¹ Corpus refere-se ao conjunto de materiais empíricos selecionados e analisados sistematicamente no âmbito da pesquisa, constituindo a base documental sobre a qual se desenvolveu a investigação.

categoria de violência, o que impossibilitava seu enquadramento exclusivo como direta ou indireta. A tabela a seguir apresenta as subdivisões adotadas para cada categoria de análise.

Figura 1: Classificação da violência utilizada na pesquisa

Tabela de classificação da violência		
Categoria	Tipo de violência	Descrição
Violência direta	Homicídios	Morte imediata
	Sequestros	Captura de civis
	Roubos	Subtração de bens mediante ameaça
	Extorsão direta	Cobrança de taxas ou pagamento indevido
	Confrontos	Ataque armado ou trocas de tiros entre gangues ou atores estatais
	Bloqueios armados	Barreiras físicas controladas por gangues
Violência indireta	Deslocamentos forçados	Saída compulsória da população
	Interrupção de serviços essenciais	Fechamento de escolas, hospitais, supermercados, etc
	Crise de abastecimento	Falta de alimentos, combustível e água
	Paralisação econômica	Fechamento de lojas, postos de gasolina e rotas de comércio
	Colapso institucional	Paralisação de órgãos públicos
Violência de gênero	Assassinato	Feminicídio
	Abuso sexual	Ato de natureza sexual praticado sem consentimento, ou contra alguém incapaz de consentir

Fonte: Elaboração própria, com base no *The Global Burden of Armed Violence Report* (2011).

Quanto ao tratamento das fontes jornalísticas, foram analisadas 173 matérias, das quais 67 compuseram a amostra final da pesquisa após a aplicação dos critérios de seleção. As notícias foram coletadas nos jornais haitianos *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*. A escolha dessas fontes fundamentou-se em dois critérios principais: a diversidade de abordagens sobre os acontecimentos analisados e a disponibilidade de acervo digital para consulta.

O *Le Nouvelliste* é o jornal mais antigo e um dos mais influentes do Haiti. Fundado em 1898 sob o nome *Le Martin* e renomeado de *Le Nouvelliste* em 1899, consolidou-se como uma das principais referências da imprensa haitiana. Ao longo de sua trajetória, ampliou sua cobertura para temas políticos, econômicos, sociais e culturais, tornando-se um importante espaço de debate público sobre os acontecimentos nacionais. Mesmo diante das sucessivas crises políticas, dos desastres naturais e da intensificação da violência das gangues, que culminaram na perda de sua sede e da estrutura de impressão em Porto Príncipe, o jornal manteve suas atividades por meio da plataforma digital (Haitian Times, 2025).

O *Haïti en Marche* é um jornal semanal fundado em 1986, publicado em língua francesa e voltado principalmente à diáspora haitiana. Embora tenha sido criado em Miami, o periódico também mantém redação em Porto Príncipe e dedica sua cobertura aos principais acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais do Haiti, estabelecendo uma ponte entre o país e as comunidades haitianas residentes no exterior. Em razão de sua cobertura

continua sobre a conjuntura haitiana e de sua circulação entre a diáspora, o jornal foi selecionado como uma das fontes documentais desta pesquisa.

Para a coleta de notícias, utilizou-se a ferramenta de pesquisa avançada do Google, que permite filtrar resultados por domínio específico, palavras-chave, intervalo temporal e idioma. A adoção desse procedimento justifica-se pelas limitações dos mecanismos internos de busca dos jornais selecionados. Como termos de pesquisa, foram utilizados os nomes das principais gangues e coalizões identificadas pelo Painel de Peritos das Nações Unidas para o Haiti (2023), combinados com o termo “gangs”.

Foram incluídas na amostra apenas as matérias publicadas entre 2018 e 2023 que abordavam diretamente a atuação das gangues armadas no Haiti e apresentavam informações sobre eventos concretos relacionados à violência, ao controle territorial ou aos impactos sobre a população civil. Foram excluídos artigos de opinião, editoriais, entrevistas, análises de conjuntura e matérias que, embora mencionassem a criminalidade ou gangues, não descrevessem acontecimentos específicos compatíveis com os objetivos da pesquisa.

Após a seleção das matérias, as informações foram sistematizadas em uma planilha com as seguintes variáveis: data de publicação, ano, jornal, cidade ou comuna, gangue mencionada, violência principal, classificação da violência, impacto principal, serviço essencial afetado e link da notícia. A versão consolidada dessa base de dados encontra-se disponível no Apêndice A. Por fim, os dados foram quantificados e analisados qualitativamente à luz do referencial teórico adotado.

2 ATORES VIOLENTOS NÃO ESTATAIS: CONCEITOS, ORIGEM E DINÂMICAS NOS CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS

O cenário dos conflitos armados contemporâneos tem passado por profundas transformações, fruto da crescente inserção de atores que exercem suas atividades à margem do controle estatal e desafiam as formas tradicionais de guerra. Nesse contexto, os atores violentos não estatais emergem como protagonistas, influenciando dinâmicas políticas, sociais, econômicas e securitárias.

Frente a isso, este capítulo pretende analisar, primeiramente, a transformação da natureza dos conflitos, em seguida, a definição e a caracterização desses atores e, por último, examinar os impactos decorrentes de sua atuação na vida das populações civis, destacando a complexidade e os desafios impostos por essa nova configuração dos conflitos.

2.1 Transformação da natureza dos conflitos armados contemporâneos

Os conflitos armados continuam sendo um dos principais desafios à segurança internacional contemporânea. Nas últimas décadas, entretanto, a dinâmica desses conflitos passou por transformações significativas, especialmente com o crescimento da participação de atores não estatais em cenários de violência organizada. Nesse contexto, o relatório *Conflict Trends: A Global Overview, 1946–2024*, elaborado pelo Instituto da Paz de Oslo (PRIO), registrou, em 2024, o maior número de conflitos armados entre Estados desde 1946, com 61 conflitos em 36 países (Rustad, 2025, p. 10). Além disso, o levantamento identificou 74 conflitos de natureza não estatal no mesmo ano. Já em 2023 - período que compõe o recorte temporal deste estudo - foram registrados 80 conflitos não estatais.

A expansão desse tipo de conflito não ocorre de forma uniforme em todas as regiões do mundo. Segundo o relatório, o continente africano concentrou o maior número de conflitos não estatais, enquanto as Américas permaneceram como a região com o maior número de mortes em combate. Esse cenário está relacionado, sobretudo, ao aumento da violência associada ao narcotráfico e às gangues, fenômeno que se intensificou na região desde 2017 (Rustad, 2025, p. 17).

Os impactos desse processo também podem ser observados no crescimento e no fortalecimento de organizações criminosas. Estima-se que atualmente existam 2 milhões de membros de gangues em todo o mundo e, seguindo a tendência anterior, na América Central esse número pode ser maior do que o das forças militares ou policiais governamentais (Mandel, 2013, p. 42). Esse cenário se repete na análise de Mandelbaum (2021, p. 3), quem apontou que,

em 2019, havia 33 conflitos ativos ao redor do mundo e, em 21 deles, o número de atores armados não estatais era maior do que o das forças estatais.

Contudo, através da leitura desses dados, surge o seguinte questionamento: quais lacunas foram responsáveis pela ascensão de conflitos de natureza não estatal? Ou, até mesmo, em que momento os instrumentos de poder e controle do Estado foram desvirtuados para organizações paralelas como os atores não estatais violentos?

A compreensão desse fenômeno exige observar as transformações ocorridas na própria natureza dos conflitos armados ao longo das últimas décadas. Como argumenta Mandelbaum (2021), a guerra é um fenômeno em transformação, uma vez que, desde 1970, houve uma queda significativa no número de conflitos armados interestatais, ao mesmo tempo em que os conflitos intraestatais passaram a dominar as formas de violência organizada. Entre o fim da Guerra Fria e 2010, mais de 400 conflitos armados envolvendo atores não estatais foram registrados. Nesse contexto, destaca-se o conceito de “novas guerras”, desenvolvido por Mary Kaldor. Conforme a autora (1999 *apud* Sbampato, 2018, p.156), As novas guerras correspondem a um novo tipo de violência organizada, em que não é possível distinguir entre guerra, crime organizado e violência massiva contra os direitos humanos.

A ideia de “novas guerras” está associada às transformações observadas nos conflitos armados a partir do período da Guerra Fria. Enquanto os Estados Unidos e a União Soviética concentravam a atenção internacional em torno de uma disputa indireta e predominantemente política, diversos países emergentes enfrentavam graves conflitos internos relacionados, entre outros fatores, aos processos de independência e de pós-independência. Nesse contexto, especialmente em Estados africanos e asiáticos, os confrontos passaram a ocorrer entre grupos políticos domésticos rivais ou entre esses grupos e o próprio Estado (Valença, 2010, p. 142).

Esses conflitos apresentavam características distintas das guerras interestatais tradicionais. Ao contrário destas que pressupõem um processo de burocratização institucional capaz de regular e ordenar o uso da força, as novas guerras aproximam-se das guerras pré-estatais, marcadas pela fragmentação dos atores envolvidos e pela ausência de um monopólio efetivo da violência (Valença, 2010, p. 130; 143).

A distinção entre guerras tradicionais e novas guerras pode ser observada a partir dos objetivos, atores e formas de financiamento dos conflitos. Nesse sentido, Clausewitz (1996 *apud* Coutinho; Gomes, 2016, p. 174) sustenta que a guerra é um instrumento político pautado em uma trindade composta por violência e paixão (o povo), indeterminação e chance (Forças Armadas) e razão (objetivos políticos). Em contrapartida, as novas guerras apresentam características distintas desse modelo clássico. Mary Kaldor (2013 *apud* Coutinho; Gomes,

2016, p. 180), precursora do termo “novas guerras”, afirma que estas são travadas em nome da identidade (étnica, religiosa ou tribal) e que os recursos do conflito são obtidos por meio de financiamentos privados, como espólios de guerra e atividades ilícitas. Conforme afirma a autora,

As novas guerras são essencialmente uma mistura entre guerra (com o que me refiro a conflito político, conflito entre dois grupos politicamente organizados, por uma causa política), crime (com o que me refiro ao uso da violência por motivos privados) e violações dos direitos humanos (o que significa agressão contra indivíduos) (Kaldor, 2009 apud Schouten, 2009).

Dessa forma, observa-se que os conflitos contemporâneos tendem a afastar-se do modelo estatal tradicional e a aproximar-se de dinâmicas mais fragmentadas e descentralizadas, reforçando a ideia de que as novas guerras apresentam semelhanças com as guerras pré-estatais.

Essa transformação também se reflete nas características dos conflitos armados contemporâneos. Mandelbaum (2021, p.5), disserta que pode ser observado três tendências: i) a assimetria do conflito, uma vez que os atores envolvidos possuem um caráter heterogêneo (atores estatais e não estatais); ii) a subnacionalização do conflito, dado que as zonas de combates foram se acomodando nos interiores das cidades ou nas fronteiras (onde o poder estatal é mais fraco) e iii) a transnacionalização do conflito, pelo fato dos atores poderem através das rotas clandestinas enviar objetos ilícitos.

Embora as transformações dos conflitos armados contemporâneos ajudem a compreender a ascensão desses grupos, torna-se igualmente necessário analisar o surgimento dos próprios atores violentos não estatais. Sob essa perspectiva, Williams (2008, p. 5 e 6) argumenta que, em certo sentido, eles existem há milênios. Contudo, foi apenas no século XXI que os AVNEs passaram a ocupar posição de maior destaque nos debates sobre segurança internacional, à medida que o monopólio estatal do uso da força se tornou mais vulnerável e a fragilidade de determinados Estados se intensificou.

Partindo dessa ideia, o autor identifica fatores centrais para compreender as capacidades e fragilidades dos Estados contemporâneos. Em seu relatório *Violent Non-State Actors And National International Security* (2008), Williams destaca quatro elementos fundamentais: (1) legitimidade, quando há um contrato social implícito entre o Estado e a sociedade; (2) capacidade, tratando-se de estados capazes de extrair recursos e devolvê-los à sociedade por meio de políticas públicas; (3) a primazia do interesse coletivo sobre o interesse individual; e (4) inclusão, em vez de exclusão.

Além dos fatores internos relacionados ao funcionamento do Estado, Williams (2008) atribui importância às transformações decorrentes da globalização. Segundo o autor, esse

processo desafiou a capacidade dos Estados de responder a novos problemas de segurança e, simultaneamente, ampliou as possibilidades de atuação dos AVNEs, especialmente ao facilitar a circulação internacional de armas, recursos e informações.

Por fim, Williams (2008) chama a atenção para tendências estruturais que podem contribuir para o fortalecimento desses atores nas próximas décadas. De acordo com sua análise, o crescimento populacional e o avanço da urbanização tendem a ampliar os desafios relacionados à segurança pública, tornando determinadas áreas urbanas cada vez mais difíceis de governar e potencialmente mais suscetíveis à atuação de atores violentos não estatais (Williams, 2008, p. 7).

2.2 O que são os atores não estatais violentos?

A compreensão dos atores violentos não estatais exige, inicialmente, o entendimento do papel historicamente atribuído ao Estado nas Relações Internacionais. A figura imaterial mais imponente da história das relações internacionais e por quem foi criada é o Estado², o Estado racional, soberano e legítimo, dentro de sua perspectiva de nação e território. Nesse sentido, para o sociólogo alemão Max Weber (1982 *apud* Bianchi, 2014, p. 84), o Estado é compreendido como uma forma particular de associação política³, definindo o conceito de Estado como a comunidade humana que, dentro de determinado território, reclama para si (com êxito) o monopólio da coação física legítima.

A centralidade atribuída ao Estado também encontra respaldo em obras clássicas do pensamento político. Nesse sentido, pode-se citar o *Leviatã* de Thomas Hobbes (1651), no qual o homem, vivendo em estado de natureza (desordem), concentra suas vontades e desejos individuais em uma estrutura central, para estabelecer uma ordem comum a todos. Diante disso,

[...] é criado aquele grande Leviatã a que se chama Estado, ou Cidade (em latim Civitas), que não é senão um homem artificial, embora de maior estatura e força do que o homem natural, para cuja proteção e defesa foi projetado. E no qual a soberania é uma alma artificial, pois dá vida e movimento ao corpo inteiro (Hobbes, 1651, p. 11).

A associação entre Estado, poder e manutenção da ordem permanece presente em abordagens mais contemporâneas das Relações Internacionais. Na literatura moderna das

^{2 2} Parte-se aqui de uma leitura historiográfica que associa o surgimento das relações internacionais à consolidação do Estado moderno e do sistema internacional, perspectiva atrelada a autores como Hobsbawm, presente, por exemplo, em *A Era das Revoluções (1789-1848)*. Contudo, essa interpretação não é consensual, uma vez que abordagens construtivistas, críticas e pós-coloniais, questionam a centralidade do Estado, destacando que há correntes paralelas que podem explicar as dinâmicas internacionais, como a cultura, a economia e o poderio militar.

³ Associação política é a capacidade e a disposição para o uso da força permanentemente organizada que exerce capacidade para um determinado território (Bianchi, 2014, p. 90).

Relações Internacionais, autores como Morgenthau (2003 *apud* Berringer 2017, p. 20) também alicerçam teorias em torno do poder. Em seu livro “A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz” (2023), o cientista político alemão discorre sobre como o Estado-nação deve possuir o poder avassalador que permite à sociedade preservar a paz no território nacional. Dessa maneira, como descrito por Max Weber, o Estado deve conter qualquer ação que perturbe a paz, manifestando-se por meio do monopólio legítimo da força.

A centralidade estatal também ocupa um lugar de destaque na tradição neorrealista. Para Kenneth Waltz, o Estado constitui o principal ator do sistema internacional. Diante disso, em sua obra *Teoria das Relações Internacionais* (1979), o autor disserta que os Estados são as unidades cujas interações formam a estrutura dos sistemas das relações internacionais, ressaltando ainda que os questionamentos em torno da primazia do Estado refletem a dificuldade que os cientistas políticos têm em manter a distinção entre estrutura e processos (Waltz, 1979, p. 135).

Embora o Estado tenha ocupado posição central na construção das principais teorias das Relações Internacionais, as transformações observadas no sistema internacional ao longo do século XX evidenciaram a crescente relevância de outros atores. Assim, o sistema internacional contemporâneo passou a ser compreendido como um espaço composto não apenas por Estados, mas também por indivíduos, organizações e grupos capazes de produzir impactos significativos na política mundial.

Essa mudança de perspectiva foi particularmente desenvolvida pelas abordagens liberais das Relações Internacionais. Nesse sentido, Keohane e Nye (1977) argumentam que os Estados não são, de forma alguma, os únicos atores na política mundial, tendo os novos atores a capacidade de atuar concorrentemente ao Estado-nação, defendendo a ideia de uma interdependência complexa. Para os autores, as relações internacionais são estruturadas por múltiplos canais de interação, divididos em três dimensões: interestatais, transgovernamentais e transnacionais.

Partindo de uma interpretação semelhante, Andrew Moravcsik (1993 *apud* Mielniczuk 2015, p. 73) desloca o foco da análise para a relação entre o Estado e a sociedade. Diante dessa leitura, o autor afirma a primazia dos atores sociais como agentes da política internacional; o Estado como representante legítimo dos interesses da sociedade; e o sistema internacional como interdependente e responsável pela configuração do comportamento dos Estados.

O reconhecimento da relevância desses atores também está presente em autores que enfatizam as transformações contemporâneas das estruturas de poder. Em *People Count: Networked Individual in Global Politics*, de James Rosenau (2008 *apud* Silva, 2024), argumenta

que atores não estatais desempenham um papel fundamental e, muitas vezes, subestimado no cenário global, enfatizando a capacidade desses atores de moldar e redefinir as estruturas de poder no sistema internacional. Sob essa perspectiva, para o teórico, os atores não estatais podem ser tão centrais quanto os Estados.

A ampliação do debate sobre a relevância dos atores não estatais levou ao desenvolvimento de conceitos capazes de abranger a diversidade de agentes presentes no sistema internacional contemporâneo. Assim, insere-se o conceito de atores não estatais, entendido como uma categoria ampla que engloba todos os participantes das Relações Internacionais que não possuem natureza estatal. Dessa forma, incluem-se nessa definição indivíduos e entidades como organizações internacionais, organizações não governamentais, corporações transnacionais e grupos terroristas (Wagner, 2013).

Nessa mesma direção, o Conselho de Segurança da Nações Unidas (CSNU), através da Resolução 1540, também definiu os agentes não estatais como uma pessoa física ou entidade que não atua sob a autoridade legítima de um Estado na execução de atividades compreendidas no âmbito da resolução, que versa a respeito da proliferação de armas nucleares, químicas e biológicas (CSNU, 2004). A partir disso, nota-se que mesmo organizações internacionais lançadas sobre bases estadocêntricas, como particularmente o Conselho de Segurança, já entendem atores não estatais como relevantes nas relações internacionais.

Entretanto, a atuação desses atores não se restringe a atividades econômicas, políticas ou sociais. Em determinados contextos, eles também podem assumir formas de atuação violentas que desafiam a autoridade estatal e geram impactos significativos na sociedade e na segurança internacional. É nesse contexto que se inserem os atores violentos não estatais (AVNEs), descritos pela Federação de Cientistas Americanos (*The Federation of American Scientists*) como “paraestados”, uma vez que desafiam o monopólio estatal do uso legítimo da violência em territórios específicos (Williams, 2008, p. 4).

Para delimitar melhor as características desses grupos, diferentes autores propuseram definições complementares. Para Robert Mandel (2013, p. 47-52), os grupos armados não estatais são definidos como organizações privadas relativamente autônomas, com capacidades coercitivas significativas e sustentadas para a prática de violência organizada. Além disso, o autor ainda lista características pertinentes para o maior entendimento acerca desse grupos: 1) operam de acordo com interesse próprio; 2) buscam obter poder e controle; 3) tendem a possuir uma estrutura menos hierárquica; 4) possuem uma relação mista com o Estado, a depender das circunstâncias; 5) utilizam uma combinação de táticas coercitivas e não coercitivas; 6) carecem

de uma infraestrutura burocrática; 7) podem ter apoio local, regional ou global e 8) costumam ter baixa legitimidade local e global.

De modo semelhante, Thomas e Kiser (2002, p. 73) enfatizam a dimensão coletiva desses atores. Para os autores, os atores não estatais violentos representam uma forma distinta de ator não estatal, caracterizada pela convergência de ações individuais que, embora separadas, são orientadas por objetivos comuns e empregam a violência coletiva como meio de atuação.

Dada a diversidade de atores violentos não estatais, torna-se necessário classificá-los de acordo com seus objetivos, formas de organização e estratégias de atuação. Nesse sentido, Williams (2008, p. 8) identifica diferentes categorias de AVNEs, entre as quais se destacam os senhores da guerra, milícias, forças paramilitares, insurgências, organizações terroristas, organizações criminosas e gangues juvenis.

Os senhores da guerra comandam forças militares privadas, governam um território específico e possuem certo grau de legitimidade, bem como uma relação simbiótica, tanto econômica quanto militar, com a população. As milícias, por sua vez, correspondem a forças armadas irregulares, que podem operar de forma independente ou em apoio ao Estado, direta ou indiretamente. Já as forças paramilitares, que se assemelham muito às milícias, são uma extensão das forças governamentais, porém menos equipadas e altamente fragmentadas.

Outras categorias distinguem-se principalmente por seus objetivos políticos e pelas estratégias empregadas. As insurgências caracterizam-se pela luta política armada e organizada que visa tomar o poder por meio da revolução e substituir o governo anterior. Enquanto isso, as organizações terroristas buscam mudanças políticas por meio do terror, mais especificamente da violência indiscriminada contra alvos civis.

Além dos grupos motivados por objetivos políticos, há organizações cuja atuação está associada à obtenção de ganhos econômicos. Nesse contexto, as organizações criminosas são consideradas as articulações de AVNEs mais onipresentes, dado o caráter transnacional que podem assumir e a atuação no mercado de armas e de drogas. Por fim, as gangues juvenis são grupos violentos formados principalmente por jovens, que surgem em contextos de fragilidade ou de falha do Estado em oferecer oportunidades e serviços básicos, e estão envolvidas em atividades criminosas, representando desafios à segurança pública.

Entre as diferentes categorias de atores violentos não estatais, as gangues merecem destaque especial, por constituírem o objeto central desta pesquisa. Segundo Davis (2008) e Castells (2003 *apud* Lima, 2013, p. 6), esses grupos representam uma importante fonte de poder para populações situadas em contextos de fragilidade institucional, exercendo domínio sobre pequenos espaços urbanos por meio do controle territorial e da imposição de regras próprias.

Esse controle frequentemente ultrapassa a mera prática de atividades criminosas. Em determinadas circunstâncias, as gangues passam a desempenhar funções tradicionalmente associadas ao Estado, como a regulação da circulação de pessoas, a resolução de conflitos locais e o exercício de mecanismos informais de segurança. Dessa forma, sua atuação tende a se intensificar em áreas marcadas pela ausência ou pela insuficiência da presença estatal.

Além da dimensão territorial, as gangues podem apresentar diferentes níveis de organização interna. Nesse sentido, o artigo 2 da Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional (UNTOC) prevê que tais grupos sejam classificados como grupos criminosos organizados ou grupos estruturados, dependendo do grau de organização, permanência e coordenação de suas atividades (UNODC, 2000).

A discussão apresentada ao longo deste capítulo evidencia que a compreensão da política internacional contemporânea exige uma análise que ultrapasse a centralidade exclusiva do Estado. Embora o Estado permaneça como ator fundamental das Relações Internacionais, o fortalecimento de atores não estatais e, particularmente, dos atores violentos não estatais demonstra que as dinâmicas de poder e segurança se tornaram mais complexas. Nesse contexto, as gangues destacam-se como manifestação específica dos AVNEs, especialmente em cenários marcados pela fragilidade institucional e pela limitada capacidade estatal de exercer controle territorial. Essa perspectiva fornece a base teórica necessária para compreender o caso haitiano, objeto de análise dos capítulos seguintes.

2.3 O impacto dos atores não estatais violentos na vida civil

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a criação de diversos organismos multilaterais de cooperação e de resolução de conflitos, como a Organização das Nações Unidas (ONU), consolidou-se a expectativa de que o sistema internacional caminharia para um cenário de maior estabilidade e de redução da violência. Entretanto, a evolução dos conflitos contemporâneos seguiu uma trajetória distinta. Desde a Segunda Guerra Mundial, cada década registrou pelo menos dez milhões de mortes relacionadas a conflitos armados, ao mesmo tempo em que os conflitos intraestatais passaram a assumir um papel cada vez mais relevante (Mandel, 2013, p. 44).

Por conseguinte, com a ascensão dos conflitos intraestatais e, nesse sentido, havendo a ausência de um exército regular e de combatentes treinados, as principais vítimas de todas as formas de violência se tornam a população civil. Como aponta Karla Cunningham (2010 *apud* Mandel, 2013, p. 45), hoje, 75% dos mortos em guerras são civis, principalmente mulheres, crianças e profissionais da saúde. Dessa maneira, enquanto 9 soldados eram mortos para cada

civil durante a Primeira Guerra Mundial, 10 civis são mortos por cada soldado nas guerras atuais (Mandelbaum, 2021, p. 3).

Não sendo necessário um enorme arsenal para causar impacto na sociedade, a violência perpetrada por esses novos atores também assume um caráter diferente: ações como atentados suicidas, insurgências, tumultos, saques, roubos, vandalismo, incêndios criminosos, deslocamentos forçados, sequestros, tortura etc. são recorrentes (Mandel, 2013, p. 45).

Quanto às consequências, além dos mortos, destacam-se também como vítimas diretas dos conflitos armados aqueles que fogem da violência, seja por imposição ou voluntariamente, e passam a viver em campos de refugiados sob condições improvisadas ou nem conseguem cruzar as fronteiras, permanecendo no seu país com o título de deslocado interno (Hamann-Nielebock; Carvalho, 2008, p. 109). Os mesmos autores ainda enfatizam que, em razão da natureza intraestatal do conflito, há pouco controle e quantificação dos efeitos causados pelas atividades desses atores, o que também facilita a normalização das atividades ilícitas praticadas por esses grupos.

Diante desse cenário, observa-se que os impactos causados pelos atores violentos não estatais recaem predominantemente sobre a população civil. Mais do que efeitos colaterais dos conflitos, as vítimas civis frequentemente tornam-se parte da própria estratégia desses grupos, seja por meio da intimidação, do deslocamento forçado ou da utilização da violência como mecanismo de pressão e de visibilidade política.

3 HAITI: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A República do Haiti, localizada no Caribe, foi proclamada em 1º de janeiro de 1804, tendo como capital a cidade de Porto Príncipe. O país ocupa um terço da Ilha Hispaniola a oeste, sendo banhado pelo Mar do Caribe ao sul e pelo Oceano Atlântico ao norte, fazendo fronteira, a leste, com a República Dominicana (Peschanski, 2017).

O Haiti adota um sistema de governo semipresidencialista, no qual o presidente exerce a função de chefe de Estado, sendo eleito por voto popular para um mandato de cinco anos, enquanto o primeiro-ministro atua como chefe de governo, sendo indicado pelo presidente com aval do poder legislativo.

Os indicadores demográficos ajudam a compreender algumas das características estruturais da sociedade haitiana. Em 2026, estima-se uma população superior a 12 milhões de habitantes. Ao considerarmos o recorte temporal deste trabalho, entre 2018 e 2023, a população haitiana apresentou crescimento, passando de cerca de 10 milhões para mais de 11 milhões de habitantes (WorldoMeter, 2026). No que se refere à composição étnica, os negros representam 95% da população, enquanto os brancos e mestiços correspondem a 5% (Peschanski, 2017). Além disso, 62,38% da população vive em áreas urbanas. Em relação à expectativa de vida, esta é de 68,8 anos para as mulheres e de 62,2 anos para os homens (World Meter, 2026).

A respeito do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que analisa dimensões-chave do desenvolvimento, com base em renda, saúde e educação, em uma escala de 0 a 1, o Haiti apresenta nível médio de desenvolvimento humano. Segundo o ranking de 2025 divulgado pela ONU, o país ocupa a 166ª posição, com índice de 0,554 (PNUD, 2025, p. 286).

O Estado, que foi uma colônia francesa, tem como idiomas oficiais o crioulo e o francês. O crioulo faz parte do escopo de línguas vernáculas, as quais surgiram em assentamentos coloniais europeus de plantações, resultando do contato entre grupos que falavam línguas mutuamente ininteligíveis; nesse sentido, as línguas crioulas incluem variações derivadas do francês, como o crioulo haitiano (Mufwene, 2026).

A moeda haitiana é o gourde. A introdução de uma moeda essencialmente haitiana ocorreu em 1813, quando o livre colonial francês foi substituído pelo gourde, o que representou um dos primeiros passos rumo ao reconhecimento da independência do país (Remitly, 2022). No que se refere ao Produto Interno Bruto (PIB) do país caribenho, em 2024, foi de 25,22 bilhões de dólares americanos, de acordo com dados oficiais do Banco Mundial (Trading Economics, 2024).

A partir desses parâmetros introdutórios sobre a ilha caribenha, este capítulo tem como objetivo, primeiramente, apresentar o processo de colonização, marcado pela exploração e pelo sistema escravista; em seguida elucidar o pioneirismo na luta pela independência, marcado pelo protagonismo negro na luta anticolonial, se tornando um marco nas Américas; e, por último, as falhas institucionais, que contribuíram para a instabilidade política e os desafios enfrentados ao longo da sua formação.

3.1 A colonização

Para compreender a formação histórica do Haiti, é necessário retornar ao período colonial e à constituição da colônia francesa de São Domingos. São Domingos, posteriormente apelidada de “Pérola das Antilhas”, era a próspera colônia francesa que, séculos mais tarde, deu origem ao Haiti, nome derivado do idioma indígena Taíno, que significa “terras de altas montanhas”. Os taínos, por sua vez, eram os indígenas nativos da região de Hispaniola, que foram exterminados rapidamente após o primeiro contato em 1492 com os espanhóis, que trouxeram consigo doenças, além de explorar a força de trabalho.

Por conseguinte, após o extermínio indígena, os espanhóis encontraram oportunidades mais lucrativas para a colonização no México, no Peru e noutras partes das Américas. Hispaniola carecia de ouro e de outros recursos facilmente exploráveis; dessa forma, foi praticamente abandonada pela coroa espanhola. Fora da corrida por novos territórios, os franceses começaram a reivindicar colônias e, em 1697, a Espanha cedeu oficialmente um terço ocidental de Hispaniola a Luís XIV. (Popkin, 2012, p.11).

A incorporação do território ao império colonial francês transformou profundamente sua estrutura econômica e social. Sob a administração francesa, São Domingos foi massivamente explorada, tornando-se uma colônia maior; em vastos cultivos, produziam-se grandes quantidades de produtos agrícolas: açúcar, café, rum, algodão e anil, por meio do sistema de *plantation*⁴. Em alguns momentos do século XVIII, o território liderou a produção mundial de cada um desses produtos, configurando-se como a colônia mais rica do mundo e o centro comercial mais movimentado do mundo colonial (Phillips, 2008, p. 2).

Contudo, o sucesso econômico da colônia não era fruto de uma gestão excepcional dos franceses, dado que o território possuía terras férteis e, mais do que isso, São Domingos era sustentada por um forte sistema escravocrata. O crescimento econômico da colônia esteve

⁴ Refere-se a um sistema de exploração colonial caracterizado por grandes propriedades monocultoras, voltadas à exportação e sustentadas pelo trabalho escravo, além disso, sua estrutura social é hierárquica centrada na figura do senhor de terras.

diretamente associado à expansão da população escravizada. Como demonstram os dados apresentados por Popkin (2012),

Em 1687, havia apenas 4.411 brancos e 3.358 escravos negros; em 1715, os números eram de 6.668 brancos e 35.451 escravos; e em 1730 a população escrava tinha aumentado para 79.545. Quarenta anos mais tarde, em 1779, havia 32.650 brancos e 249.098 escravos, um número que quase duplicaria até o final da década de 1780 (tradução nossa).

A dimensão desse sistema pode ser observada nos dados do banco Slave Voyages. Ao considerar viagens partindo de diferentes regiões da África com destino aos territórios que hoje compõem o Haiti, estima-se que aproximadamente mais 3,7 milhões de pessoas escravizadas⁵ embarcaram em navios negreiros com destino às ilhas caribenhas. Em contraste, cerca de 3,2 milhões foram efetivamente desembarcados, o que pode ser explicado pelas condições de tráfego degradantes, resultando em uma elevada taxa de mortalidade durante a travessia. Como documenta James (2010, p.22),

Alguns eram levados até a costa em canoas, deitados no fundo dos barcos por dias sem fim, com as mãos acorrentadas, as faces expostas ao sol e à chuva tropical e com as costas na água que nunca era retirada do fundo dos botes. Nos portos de escravos, eles permaneciam amontoados em um cercado para a inspeção dos compradores.

Nesse sentido, muitos historiadores denominam São Domingos de sociedade escravocrata, na qual a escravidão é um aspecto fundamental em todos os âmbitos. Os escravizados desempenhavam funções na maior parte das atividades econômicas que exigiam trabalho físico exaustivo, como o cultivo e o processamento do açúcar e do café, o trabalho no campo e a carpintaria. Além disso, até mesmo as crianças compunham a mão de obra, sendo designadas a trabalhar em pequenos ateliês (Popkin, 2012, p. 14).

Outrossim, havia uma pequena casta privilegiada de escravizados, como cozinheiros, cocheiros, capatazes das turmas, criados, arrumadeiras, enfermeiras, companhias femininas e outros criados domésticos. Essa casta mais privilegiada era, comumente, influenciada pelos vícios de seus senhores e senhoras, de modo que esses indivíduos passavam a desprezar os escravizados que realizavam trabalhos braçais (James, 2010, p. 32 e 33).

Apesar da importância econômica da mão de obra negra, ainda assim, era uma mão de obra descartável, renovada essencialmente pelo tráfico de escravos, pois a vida na colônia os matava com rapidez. Por outro lado, apesar do elevado número de escravos trazidos, estes não

⁵ É importante ressaltar que esse quantitativo não deve ser interpretado de maneira absoluta, uma vez que corresponde a uma estimativa baseada em registros históricos incompletos e subnotificados. Por isso, o número apresentado não corresponde à totalidade das pessoas escravizadas que foram enviadas ao território haitiano, mas sim um recorte possível a partir das fontes disponíveis.

podiam repor o próprio número por meio da reprodução, pois muitas mulheres ficavam estéreis devido à viagem nos navios negreiros (Casimir, 2012, p. 2; James, 2010, p. 28).

Com o aumento desenfreado do comércio de escravos, em março de 1685, o rei Luís XIV da França promulgou o *Code Noir* (Código Negro), com o objetivo de regulamentar a escravidão nas colônias, dada a sua importância econômica. Assim, foram proibidos castigos mais severos e a liberdade de culto religioso tornou-se mais restrita, e os escravizados foram obrigados a professar a fé católica. Quanto à obediência dos senhores ao código, este era frequentemente ignorado, especialmente nos artigos relativos à proteção dos escravos e aos castigos (Almeida, 2025, p. 26 e 27).

Quanto à organização política da colônia, São Domingos estava centralizada na metrópole francesa; assim, a colônia não possuía autonomia política. A sua administração local era dividida entre dois cargos nomeados pela coroa francesa: o governador-geral, responsável pela defesa e segurança, e o intendente, responsável pela administração civil, judicial e financeira.

As contradições do modelo colonial não se limitavam à exploração econômica e social. Segundo Casimir (2012), São Domingos, assim como o Haiti posteriormente, constituía uma estrutura politicamente frágil, apesar de sua prosperidade econômica. Para o autor, a relativa facilidade com que a Revolução Haitiana se consolidou está associada à fragilidade política e ideológica do sistema colonial francês. Obcecados pela rentabilidade da colônia e pela abundância de mão de obra escravizada proveniente da África, os franceses construíram uma estrutura colonial economicamente eficiente, mas incapaz de produzir bases sólidas de legitimidade e coesão social.

Dessa forma, a aparente prosperidade de São Domingos ocultava profundas contradições estruturais. Ao mesmo tempo em que se projetava como a colônia mais lucrativa do mundo, sustentava-se sobre uma base social extremamente desigual e violenta. Nesse sentido, a combinação entre a exploração intensa da mão de obra escravizada, a desumanização sistemática da população majoritária e o desequilíbrio demográfico entre brancos e negros lançou as bases para a eclosão de uma das mais significativas revoluções da história moderna: a Revolução Haitiana.

3.2 O pioneirismo na luta pela independência

Os homens fazem a sua própria história. E os jacobinos negros de São Domingos fariam a história que mudaria o destino de milhões de homens e o curso econômico de três continentes (James, 2010, p. 3).

Antes mesmo de se arquitetar uma revolução de fato, a resistência negra já fazia parte do cotidiano da colônia. Por exemplo, alguns escravos recusavam veementemente a escravidão e fugiam para as montanhas e florestas (*marronage*), nascendo dali os quilombos e, a partir deles, grupos de resistência que começaram a realizar incursões a fazendas. Dentro dessa narrativa de resistência descentralizada, destaca-se François Mackandal, líder do *maroon*⁶ haitiano.

As ações lideradas por Mackandal correspondiam a saques e à conversão de escravos nas fazendas. Mais tarde, o grupo adota uma nova tática de guerrilha: o envenenamento de brancos e de membros desobedientes do bando. Como disserta James (2010, p. 35), a respeito dessa primeira forma de organização revolucionária: uma massa sem instrução, percebendo a possibilidade da revolução, começa normalmente pelo terrorismo, e Mackandal visava libertar seu povo por meio do envenenamento. Embora sua revolta não tenha obtido êxito, ela representou um importante antecedente da Revolução Haitiana e evidenciou o crescente descontentamento da população escravizada com a ordem colonial.

A Revolução Haitiana nasceu em 22 de agosto de 1791 em um ritual Vodú, quando Dutty Boukman, no alto de uma montanha e em meio à floresta, fez uma oração que simbolizou um juramento de liberdade e união dos escravizados haitianos.

O deus que criou o sol que nos dá a luz, que levanta as ondas e governa as tempestades, embora escondido nas nuvens, observa-nos. Ele vê tudo o que o branco vê. O deus do branco o inspira ao crime, mas o nosso deus nos pede para realizarmos boas obras. O nosso deus que é bom para conosco, ordenamos que nos vingamos das afrontas sofridas por nós. Ele dirigirá nossos braços e nos ajudará. Deitai fora o símbolo do deus dos brancos que tantas vezes nos fez chocar, e escutai a voz da liberdade, que fala para os corações de todos nós (Boukman, 1791 *apud* James 2010, p. 93).

Nessa mesma noite, a revolução começou. Os revolucionários abandonavam as fazendas, queimavam as plantações e matavam os fazendeiros brancos, pois sabiam que, enquanto essas fazendas permanecessem de pé, seu destino seria trabalhar nelas até o esgotamento. O início da revolução foi marcado por elevados níveis de violência, refletindo, em grande medida, as formas de violência e opressão vivenciadas pelos próprios escravizados. Entretanto, à medida que o movimento se consolidava e adquiria maior organização política, muitos homens, mulheres e crianças encontrados nas fazendas passaram a ser poupados (James, 2010, p. 94).

Toussaint Louverture, considerado uma das principais lideranças da Revolução Haitiana, juntou-se à revolta um mês após o seu início. Proveniente de uma casta privilegiada de escravizados, Toussaint atuava como administrador de uma fazenda, função normalmente

⁶ Palavra em crioulo haitiano para quilombola ou escravo fugido.

exercida por brancos. Essa trajetória incomum lhe permitiu acesso a obras de caráter revolucionário, que exerceram influência sobre sua formação política e sobre seu papel na condução da revolução (James, 2010, p. 33 e 38).

A partir disso, entre 1791 e 1793, os conflitos na colônia aumentaram, envolvendo múltiplos grupos sociais e atores externos. Nesse contexto, a Espanha aliou-se aos insurgentes como parte de uma estratégia política de enfraquecimento da França. Paralelamente a isso, a França enfrentava grande instabilidade devido à Revolução Francesa. Foi nesse ambiente de disputas internas e externas que os revolucionários conquistaram, em 1793, a abolição da escravidão em São Domingos, tornando-a a primeira colônia do mundo a libertar integralmente sua população escravizada.

Devido à instabilidade na colônia, as forças aliadas voltaram-se posteriormente contra os insurgentes, tendo Toussaint se aliado novamente ao governo francês. Em 1801, ele se intitulou governador e proclamou uma constituição, declarando a subordinação de São Domingos à França e o catolicismo como religião oficial. Dessa maneira, Toussaint não rompeu com as bases coloniais e muito menos colocou em pauta uma reforma agrária. Ao contrário disso, ele incorporou à constituição um artigo que preservava os direitos de todos os proprietários ausentes da colônia. Em relação ao tráfico de escravos, a Constituição também autorizava sua continuidade, visando à sustentação comercial (James, 2010, p. 241 e 242).

A lealdade de Toussaint à França terminou com uma emboscada e, ao contrário do senso comum, a figura de Toussaint não era a de um homem perverso que se vendeu aos franceses. Segundo James (2010, p. 264), era um homem íntegro que havia sido ludibriado pelos ideais da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade. Dessa maneira, em 1802, Napoleão Bonaparte envia uma expedição militar à colônia, com o objetivo de restabelecer o controle francês e restaurar a escravidão. Esse episódio encerra a trajetória revolucionária de Toussaint, que foi deportado, preso e morto em território francês. No entanto, a resistência local se fortaleceu e, liderada por Jean-Jacques Dessalines, a independência de São Domingos foi conquistada em 1804.

Assim, a Revolução Haitiana consolidou-se como ápice de um longo processo de resistência negra que, de ações desintegradas como o *marronage* e as primeiras insurgências lideradas por figuras como Mackandal, evoluiu para um movimento revolucionário organizado e vitorioso. Ainda que marcada por falhas internas, como a reciclagem do sistema colonial após os avanços de 1793, a revolução pôde romper com a lógica escravista e colonial vigente. Mais do que a independência de uma colônia, o movimento haitiano representou uma ruptura

histórica sem precedentes, demonstrando que uma população escravizada podia organizar sua própria luta, desafiar uma potência colonial e conquistar sua liberdade.

3.3 As falhas institucionais e os desastres naturais

O quão longe o espírito da revolução haitiana, que nasceu em 22 de agosto de 1791, foi capaz de chegar? Não se sabe ao certo, mas pode-se inferir que, a partir de 1804, o Haiti dependia não só da vontade e da força física dos seus revolucionários, mas também de uma consolidação política, econômica e social que, de fato, proporcionaria solidez ao Estado.

No entanto, a falta de consenso entre os diferentes grupos envolvidos no processo de construção política dificultou a formação de um Estado-nação unificado. Em relação a isso, podem ser identificados dois projetos distintos: o projeto autonomista de Toussaint Louverture, que defendia a permanência da colônia na órbita francesa com ampla autonomia, e o projeto de Dessalines, que propunha a construção de um Império Negro independente. A coexistência dessas visões contribuiu para a fragmentação política do território, posteriormente dividido entre o Reino do Norte, liderado por Henry Christophe, e a República do Sul, liderada por Alexandre Pétion (Rosa; Pongnon, 2013, p. 465).

O projeto de Toussaint tinha como objetivo garantir a autonomia política e econômica da colônia, mas, ao mesmo tempo, manter vínculos com a França. Já o projeto de Dessalines prezava por uma ruptura do sistema de subordinação à França, com a criação de um império, além da nacionalização de todos os bens dos colonos franceses. Quanto à configuração administrativa que sucedeu à morte de Dessalines, o Reino do Norte e a República do Oeste alicerçaram formas de governo semelhantes aos distintos projetos apresentados.

Mais do que uma simples disputa política entre lideranças, essa divisão refletia diferentes concepções sobre o futuro do Haiti e revelava as dificuldades na construção de um projeto nacional comum. O Reino do Norte, liderado por Henry Christophe, rejeitava relações com a França e buscava aproximar o Estado da sociedade. Contudo, a tentativa de reestruturar a economia de plantation reacendeu a racialização das relações de trabalho e aprofundou as desigualdades sociais. Já a República de Pétion buscava o reconhecimento francês, chegando, inclusive, a oferecer indenizações aos antigos colonizadores, que foram posteriormente pagas pelo governo de Jean-Pierre Boyer em 1825 (Casimir, 2012, p. 9). Dessa forma, apesar das diferenças entre os projetos, ambos apresentavam limitações na incorporação da sociedade civil ao processo político, evidenciando fragilidades institucionais desde os primeiros anos da independência.

As dificuldades enfrentadas pelo Haiti também podem ser compreendidas pela persistência de estruturas herdadas do período colonial. Dessa forma, é como se o processo de construção do Estado-nação haitiano estivesse ainda corrompido pelo veneno colonialista, não sabendo ou não querendo os líderes posteriores romper de fato com essa estrutura deixada pelos franceses. Frantz Fanon (1968), em relação a isso, discorre que a forte desigualdade do modelo colonial fez com que o colonizado alimentasse o desejo de ocupar o lugar do colonizador, obtendo, a partir dessa posição, todas as vantagens sociais, econômicas e políticas. De modo que,

[...] a violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade de que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados fazem com que, por uma justa reviravolta das coisas, o colonizado ria com escárnio ante a evocação de tais valores (Fanon, 1968, p. 32)

Essa lógica também pode ser observada na composição das lideranças revolucionárias e políticas haitianas. Como aponta James (2010, p. 33), os líderes das revoluções costumam ser aqueles que conseguem se beneficiar, em alguma medida, da cultura e das estruturas do sistema que pretendem transformar. A Revolução Haitiana não constituiu uma exceção a essa dinâmica. Conforme destaca Murray (1990 *apud* Rosa, 2007, p. 7), as posições de liderança do movimento revolucionário raramente foram ocupadas por escravizados africanos recém-chegados.

Além dos desafios políticos, fatores sociais e culturais também contribuíram para a fragilidade institucional do país. O analfabetismo figurava entre os principais mecanismos de reprodução das desigualdades. Como a maior parte da população falava apenas o crioulo e esse idioma não foi reconhecido oficialmente durante grande parte da história haitiana, a participação política permanecia limitada. A comunicação institucional e os debates políticos ocorriam predominantemente em francês, restringindo o acesso da maioria da população aos espaços formais de poder. Somente com a Constituição de 1987, o crioulo passou a ser oficialmente reconhecido.

As limitações estruturais também se manifestaram no campo econômico. O Haiti tornou-se progressivamente dependente de investimentos estrangeiros e não conseguiu desenvolver um processo de industrialização capaz de sustentar seu crescimento econômico. Segundo Rosa (2007, p. 14), a proximidade com Miami contribuiu para o enfraquecimento da burguesia nacional e para a intensificação da dependência externa. Nesse contexto, uma parcela significativa da mão de obra haitiana passou a migrar para a República Dominicana, especialmente para o trabalho em empresas privadas e nos canaviais dos *bateyes*.

Em síntese, a Revolução Haitiana, apesar de seu caráter profundamente transformador e pioneiro, encontrou limites estruturais que impediram a consolidação de um Estado-nação

coesos e autônomos. As disputas internas, a permanência de práticas herdadas do período colonial e a ausência de um projeto nacional unificado fragilizaram as bases institucionais do país desde a independência. Assim, os desafios enfrentados pelo Haiti ao longo de sua trajetória não podem ser compreendidos apenas como resultado de acontecimentos contemporâneos, mas também como reflexo de fragilidades históricas presentes desde o processo de formação do Estado.

Além da instabilidade política, a fragilidade institucional haitiana também foi agravada pela recorrência de desastres naturais, especialmente o terremoto de 12 de janeiro de 2010. O desastre atingiu principalmente a região metropolitana de Porto Príncipe, afetando diretamente cerca de 1,5 milhão de pessoas, provocando mais de 220 mil mortes e aproximadamente 300 mil feridos. Em relação aos danos materiais, cerca de 105 mil residências foram completamente destruídas, outras 208 mil sofreram danos estruturais, além da destruição ou inutilização de mais de 1.300 instituições de ensino e 50 hospitais e centros de saúde (Bellerive, 2010 apud Sainté; Lämmle, 2021).

Os impactos também foram observados no deslocamento populacional. Segundo a USAID (2010 apud Sainté; Lämmle, 2021), milhares de haitianos deixaram Porto Príncipe em busca de abrigo em outras regiões do país, sendo registrados deslocamentos de 31.253 pessoas para o Noroeste, 13.531 para o Norte, 7.740 para o Nordeste e aproximadamente 90 mil para o Departamento do Centro. Esses deslocamentos evidenciaram não apenas a dimensão humanitária da tragédia, mas também as limitações do Estado haitiano em responder de maneira efetiva à emergência.

Mesmo após o terremoto de 2010, o Haiti continuou sendo afetado por sucessivos desastres naturais. Em agosto de 2021, um novo terremoto, de magnitude 7,2, atingiu a região sudoeste do país, provocando mais de 2.200 mortes, milhares de feridos e severos danos à infraestrutura pública e privada. A tragédia ocorreu em um contexto de profunda instabilidade política, poucas semanas após o assassinato do presidente Jovenel Moïse, dificultando ainda mais a capacidade estatal de coordenar ações de resposta e reconstrução.

Dessa forma, observa-se que a recorrência de desastres naturais, somada às sucessivas crises políticas e institucionais, contribuiu para aprofundar a fragilidade do Estado haitiano ao longo das últimas décadas. Esse cenário comprometeu a oferta de serviços públicos, reduziu a capacidade estatal de exercer controle sobre o território e criou condições favoráveis para a expansão e o fortalecimento de atores violentos não estatais.

4 OS ATORES NÃO ESTATAIS VIOLENTOS HAITIANOS (2018-2023)

O Haiti nasce de um episódio marcante da história internacional, caracterizado pelo protagonismo de uma parcela da sociedade que havia sido submetida à condição de subalternidade. Pioneiro na libertação colonial em relação à América Latina, o Haiti pós-independência foi colocado à margem do sistema internacional, situação que pode ser explicada tanto pela fragilidade de sua estrutura política interna quanto pela resistência internacional em reconhecer plenamente a jovem república negra que surgia no Caribe.

Nesse sentido, ao longo das décadas, as fragilidades políticas, econômicas e institucionais do Haiti foram agravadas por sucessivas crises internas, instabilidade governamental e intervenções externas. Mais de dois séculos após a sua independência, muitos desses desafios permaneciam presentes e continuavam a influenciar a dinâmica política e social do país. Assim, entre 2018 e 2023, o país passou por um agravamento significativo da sua crise política e securitária, marcado pela expansão da atuação das gangues armadas, pelo enfraquecimento das instituições estatais e pela intensificação da violência urbana.

Uma onda de protestos teve início em 2018. Impulsionada pelo aumento dos preços dos combustíveis, em um contexto de enfraquecimento do programa PetroCaribe⁷, responsável pelo fornecimento de petróleo subsidiado ao Haiti, e de medidas de ajuste econômico apoiadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que incluíam a redução dos subsídios estatais aos combustíveis. Tais medidas eram socialmente insustentáveis, dado que, na época, cerca de 60% dos haitianos viviam com menos de dois dólares por dia e a maioria da população era muito sensível a pequenas variações nos preços (Isto É, 2018).

Ainda em relação a isso, no ano posterior, o Tribunal Superior de Auditores do Haiti divulgou um relatório acerca da má gestão dos fundos da PetroCaribe. O presidente da época, Jovenel Moïse, foi associado a um esquema de desvio de aproximadamente US\$ 3,4 bilhões por meio de suas empresas, Agritrans e Betexs, acusadas de participar de contratos irregulares financiados pelo programa (*The Haitian Times*, 2019). Os recursos da PetroCaribe deveriam ter sido destinados a políticas públicas, especialmente nas áreas de infraestrutura e de reconstrução nacional após o terremoto de 2010; no entanto, esses recursos foram desperdiçados, pois a

⁷ O PetroCaribe foi um acordo de cooperação energética criado pela Venezuela em 2005, destinado a países do Caribe, América Central e América do Sul. O programa previa o fornecimento de petróleo em condições de financiamento facilitadas, buscando promover a segurança energética, o desenvolvimento econômico e a integração regional (SELA, 2015). Entretanto, a partir de 2014, a queda dos preços internacionais do petróleo e a crise econômica venezuelana comprometeram a sustentabilidade do programa, reduzindo progressivamente o fornecimento de petróleo subsidiado aos países participantes. No Haiti, os recursos vinculados ao programa tornaram-se alvo de denúncias de corrupção e desvios de verbas.

população não pôde desfrutar dos resultados do projeto, o que contribuiu para o agravamento da miséria e da inflação no país (Hurbon, 2019).

Nesse cenário de crescente insatisfação popular e instabilidade político-econômica, o Haiti também enfrentou episódios de intensa violência, que se intensificaram ao longo daquele ano. O massacre de La Salines, ocorrido em novembro, representa bem esse contexto. La Salines é um bairro central localizado na capital, Porto Príncipe, historicamente conhecido por seu ativismo contra o governo. Iniciado em 13 de novembro, o episódio envolveu assassinatos, incêndios, deslocamentos, agressões físicas e sexuais. Quanto à autoria dos ataques, a Associação Nacional de Advogados e o Comitê de Ação para o Haiti (*National Lawyers Guild and Haiti Action Committee*) apontam que não se tratou apenas de uma guerra de gangues, mas sim de um ataque orquestrado e apoiado pelo governo, que, desde os protestos relacionados à PetroCaribe, vinha intensificando práticas de repressão e de detenções arbitrárias (NLG; Haiti Action Committee, 2019, p. 2-7).

Mais do que um episódio isolado de violência, o massacre de La Salines representou um marco na transformação da dinâmica das gangues haitianas. Aproveitando-se do cenário de instabilidade política e do apoio de setores ligados ao governo, esses grupos passaram a atuar de forma mais articulada e a expandir sua influência no país. Com isso, as gangues se expandiram em número, alcance territorial e influência política, articulando-se em grandes coalizões criminosas. Nesse contexto, a violência deixou de se manifestar apenas em episódios localizados e passou a integrar mecanismos mais amplos de dominação territorial e social, afetando o acesso da população a serviços, atividades econômicas e recursos essenciais (CSNU, 2026). Conforme a Defensoria Pública da União (DPU) do Brasil,

[...] embora as gangues estivessem ativas em todo o país no passado, aumentos de preços, falta de investimento em infraestrutura social e proliferação de armas de pequeno porte no contexto de aumento dos protestos podem ter impulsionado um aumento da atividade (DPU, 2021, p. 3)

O massacre de La Salines representou um marco na intensificação da violência armada no Haiti, seguido por outros episódios de violência em larga escala, como os massacres de Bel Air em 2019, de Plaine du Cul-de-Sac e de Cité Soleil em 2022 e de Carrefour-Feuilles em 2023. Nesse contexto, conforme discutido no capítulo 1, os AVNES tendem a explorar cenários de vácuo de poder e a se consolidar em sociedades marcadas pela fragilidade institucional, nas quais o Estado falha em atuar como promotor de políticas públicas.

A combinação de fragilidade institucional, crise econômica e deterioração das condições sociais contribuiu para ampliar ainda mais o espaço de atuação das gangues. Paralelamente, a pandemia de COVID-19 agravou a crise socioeconômica haitiana, ampliando vulnerabilidades

já existentes e comprometendo o acesso da população a serviços básicos, especialmente na área da educação. De acordo com o *Office for the Coordination of Humanitarian Affairs* (OCHA, 2021, p. 31), o fechamento prolongado das escolas e a deterioração das condições de vida ampliaram a exposição de crianças e adolescentes ao recrutamento por gangues armadas. Nesse contexto, em 2020, diferentes grupos armados de Porto Príncipe passaram a atuar de forma coordenada por meio da coalizão G9 Fanmi e Alye. A ampliação da influência dessa aliança contribuiu para o surgimento da coalizão rival G-Pèp, formada por gangues que disputavam o controle territorial da capital haitiana (Global Initiative, 2022).

O assassinato de Jovenel Moïse aprofundou o vácuo de poder já existente e acelerou a expansão das gangues. Em julho de 2021, o presidente foi assassinado por um grupo armado composto por mercenários estrangeiros e por cidadãos haitianos-americanos. Embora diversos suspeitos tenham sido presos, as investigações sobre os mandantes do crime permanecem inconclusivas. Após esse episódio, a expansão das gangues acelerou-se ainda mais quando os criminosos exploraram o vácuo de poder para assumir o controle de 80 a 90% de Porto Príncipe (CSNU, 2026).

Treze dias após a morte de Moïse, em 20 de julho, Ariel Henry assumiu como primeiro-ministro do Haiti com o apoio do *Core Group*⁸ – uma organização intergovernamental constituída por potências estrangeiras envolvidas na política haitiana. Entretanto, sua ascensão ao poder foi marcada por forte contestação interna e pela incapacidade de conter o avanço das gangues. Conforme o relatório da *Fondasyon Je Klere* (FJKL, 2022), o governo de Henry ficou marcado por violações sistemáticas dos direitos humanos, uma vez que, entre 2021 e 2023, 2.845 pessoas foram mortas, houve aproximadamente 16 massacres e ataques armados em diversos bairros e cerca de 171.000 pessoas foram forçadas a abandonar suas casas. Paralelamente, a crise socioeconômica também se intensificou. Cabe ressaltar que, nesse período, o governo desembolsava cerca de 10 milhões mensais para o pagamento da dívida da PetroCaribe, sem que a população sequer tivesse desfrutado dos benefícios do projeto (ONU, 2023). Assim, grande parte da população haitiana continuava a viver em condições de extrema pobreza e de insegurança alimentar.

Diante da incapacidade do Estado haitiano de conter o avanço das gangues, a crise passou a mobilizar organismos internacionais e governos estrangeiros, intensificando os debates acerca da segurança regional, da soberania haitiana e da necessidade de intervenções internacionais no país. Nesse contexto, em outubro de 2023, o Conselho de Segurança da ONU

⁸ O Core Group é composto pelo Alemanha, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, União Europeia e representantes das Nações Unidas (ONU) e Organização dos Estados Americanos (OEA).

(CSNU) aprovou, por 13 votos a favor e 2 abstenções, a Missão Multinacional de Apoio à Segurança no Haiti, liderada pelo Quênia (ONU, 2023).

É nesse contexto de aprofundamento da crise política, enfraquecimento institucional e consolidação das gangues como atores centrais da dinâmica securitária haitiana que se insere a presente pesquisa. Para compreender a atuação desses grupos armados, foram analisadas 67 notícias publicadas nos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche* entre 2018 e 2023. Para a construção do corpus documental, utilizaram-se como descritores de busca o termo “gang” e os nomes das principais gangues identificadas no relatório do Painel de Peritos das Nações Unidas sobre o Haiti (ONU, 2023).

A análise foi organizada em duas etapas complementares. Inicialmente, os tópicos a seguir examinam o processo de formação e expansão desses grupos armados, identificando suas principais coalizões, áreas de atuação e mecanismos de controle territorial. Em seguida, são analisados os impactos de suas ações sobre a população haitiana, com foco nas diferentes tipologias de violência observadas no contexto da crise.

4.1 Surgimento dos atores não estatais violentos haitianos

Como apontado no Capítulo 1, os atores violentos não estatais, de certo modo, existem há milênios. A respeito disso, no Haiti, Marc-Donald Vincent (2024) divide a origem das gangues em sete etapas, abrangendo a má governança, a inadequação das políticas públicas e a interferência da comunidade internacional. Essa periodização permite compreender que o fortalecimento das gangues haitianas não ocorreu de forma repentina, mas sim resultou de processos históricos acumulados ao longo de décadas.

A primeira etapa começa em 1959, no governo de François Duvalier, com a criação da força paramilitar *Tontons Macoutes*, criada para impedir a derrubada do governo pelo exército. O grupo ficou conhecido pelos massacres, assassinatos e pela intensa violência política. A segunda etapa ocorre após a queda do regime Duvalier, período marcado por intensas disputas políticas e pela proliferação de grupos armados. Nesse contexto, o golpe que depôs Jean-Bertrand Aristide, liderado pelo general Raoul Cédras, evidenciou a crescente influência desses atores na dinâmica política haitiana. Posteriormente, formaram-se grupos paramilitares destinados a sustentar o regime militar, entre eles os *Attachés* e a Frente pelo Avanço e Progresso do Haiti (FRAPH), que contribuíram para o fortalecimento das estruturas dos AVNES no país. A terceira etapa corresponde ao segundo governo de Aristide, quando grupos de organizações comunitárias, essencialmente criados para o desenvolvimento das

comunidades, foram cooptados para a luta política. Assim, as ambições partidárias e políticas ganharam força e esses grupos deram origem à milícia Quimeras.

A quarta etapa está relacionada à crescente utilização de grupos armados nos processos eleitorais. Seguindo a lógica da milícia Quimeras, a criação desses grupos tornou-se um forte artifício político no Haiti. Assim, os candidatos ao governo, quer seja em sua esfera política, passaram a estabelecer relações com grupos armados e a cooptar a juventude haitiana vulnerável. Com isso, por meio do fornecimento de armas e dinheiro, essas organizações interferiam nos processos eleitorais por meio da extorsão da população em benefício dos partidos políticos financiadores. A quinta etapa ocorre durante a ascensão de Michel Martelly ao poder. Nesse período, o fortalecimento dos AVNEs ganhou apoio governamental explícito, uma vez que o presidente apoiava publicamente o banditismo, importando e distribuindo armas a grupos associados ao governo. A sexta etapa corresponde ao governo de Jovenel Moïse, em 2017, pois as gangues continuaram a ser utilizadas como instrumentos de pressão política e de repressão a protestos populares, ampliando sua influência sobre a dinâmica política e securitária do país. Observa-se, portanto, uma continuidade no uso desses grupos como mecanismos informais de poder, independentemente das mudanças de governo.

Dessa maneira, a trajetória apresentada demonstra que o fortalecimento dos AVNEs no Haiti não ocorreu de forma isolada, mas por meio de sucessivos processos de instrumentalização política que contribuíram para ampliar sua influência territorial e a capacidade de atuação das gangues.

A sétima etapa corresponde ao reconhecimento internacional da influência das gangues no Haiti. Segundo Vincent (2024), esse processo ocorreu quando um relatório da Missão das Nações Unidas no Haiti (BINUH) sugeriu que a presença da federação de gangues armadas na região metropolitana reduziu o número de homicídios. Apesar da afirmação ter sido baseada em dados empíricos, o episódio gerou controvérsias justamente porque evidenciou o grau de influência alcançado por esses grupos, sendo interpretado por diferentes setores como uma forma de legitimação política da atuação das gangues.

Portanto, a trajetória dos AVNEs no Haiti evidencia que o fortalecimento das gangues não pode ser compreendido apenas como resultado da criminalidade comum. Posto que, conforme demonstrado por Vincent (2024), a consolidação das gangues foi marcada por sucessivos processos de instrumentalização política, cooptação de grupos armados e falhas institucionais que contribuíram para ampliar sua capacidade ao longo das décadas.

4.2 Principais gangues e coalizões criminosas

A atuação dos atores violentos não estatais no Haiti é marcada pela presença de diversas gangues com diferentes níveis de organização, capacidade operacional e influência territorial. Assim, conforme o relatório do Painel de Peritos das Nações Unidas sobre o Haiti (ONU, 2023), além da atuação individual de determinadas organizações, observa-se também a formação de coalizões que reúnem diferentes grupos em torno de interesses comuns, o que amplia a capacidade de mobilização e de controle territorial.

A respeito disso, estimativas indicam que cerca de 200 gangues estavam ativas no período analisado no relatório. O documento aborda eventos ocorridos entre 2018 e 2023, com especial atenção à dinâmica de violência observada entre 2022 e 2023. Nesse sentido, o painel da ONU se debruça sobre o estudo de cerca de 23 gangues que operam na região metropolitana de Porto Príncipe, organizadas em torno de duas coalizões principais: a Família G9 e seus aliados, liderada por Jimmy Chérizier, e a G-Pèp, liderada por Gabriel Jean-Pierre. Assim, entre os grupos identificados pelo relatório, destacam-se aqueles que apresentaram maior recorrência na amostra de notícias analisadas neste trabalho, totalizando 67 notícias. Nesse sentido, a seguir serão apresentadas as principais características das gangues relevantes para o período estudado, com destaque para aspectos relacionados à liderança e à área de atuação.

Entre as principais coalizões armadas identificadas no período analisado destaca-se a G-Pèp, com base no bairro de Cité Soleil, em Porto Príncipe. Formada por diferentes gangues, a aliança surgiu em 2020 como oposição ao fortalecimento da coalizão G9. Além disso, acredita-se que o G-Pèp esteja associado ao partido de oposição, Partido Haitiano Tèt Kale (PHTK) (Global Initiative, 2022, p.17). Entre as gangues vinculadas à coalizão, destacam-se 400 Mawozo, 5 Seconds, Grand Ravine, Kraze Baryè e Canaan, grupos envolvidos em disputas territoriais e em diferentes formas de violência. A relevância da coalizão também foi observada na amostra analisada, uma vez que grupos associados a ela estiveram presentes em 39 das notícias selecionadas para esta pesquisa.

Dentre as gangues aliadas da G-Pèp, a 400 Mawozo merece destaque por ter sido a gangue mais recorrente na amostra analisada, com 16 notícias. Considerada uma das maiores gangues do Haiti (GITOC, 2022, p. 18), a organização é composta por deportados, ex-líderes de organizações populares de oposição, ex-contrabandistas e policiais. Criada em 2016, a gangue expandiu-se significativamente em 2018. Em 2020, o grupo ganhou notoriedade pelas táticas de sequestro relâmpago para obtenção de resgate, uma vez que os lucros obtidos por meio dessa prática ampliaram sua capacidade financeira e operacional (Insight Crime, 2022).

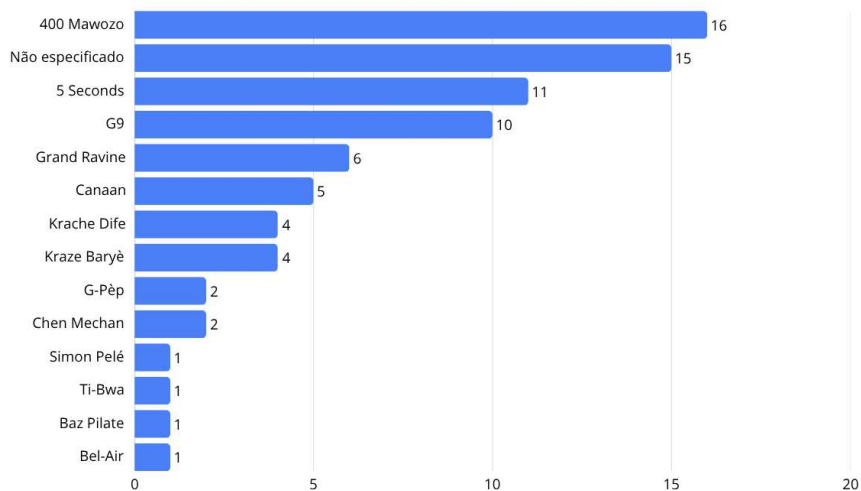
Sua atuação concentra-se nos municípios de Croix-des-Bouquets e Porto Príncipe. Desde 2022, com a extradição do seu líder Germine Joly, a gangue se aliou à coalizão G-Pép.

Outra organização que merece destaque é a 5 Seconds, segunda gangue vinculada à G-Pép com a segunda maior recorrência na amostra analisada, aparecendo em 11 notícias. Liderada por Andre Johson, a gangue é uma das mais poderosas do Haiti. Estabelecida em Village de Dieu, bairro localizado na zona costeira do Haiti, a gangue exerce controle sobre importantes rotas de transporte, o que influencia a sua atuação no tráfico de drogas e armas. A 5 Seconds tem origem nos chamados “baz”, organizações comunitárias e políticas que surgiram durante a resistência à ditadura de Duvalier. Contudo, somente em 2021, após o assassinato de Jovenel Moïse, o grupo adquiriu maior projeção e organização (Insight Crime, 2025).

Em contraposição à G-pép, destaca-se a coalizão Família G9 e seus aliados, criada em junho de 2020. O grupo surgiu a partir de um contexto de articulação política, uma vez que Chérizier – ex-policia! conhecido por seu envolvimento em massacres extrajudiciais – mantinha relações próximas com o presidente Jovenel Moïse. Nesse contexto, durante a onda de insatisfação econômica e social que assolou o país em 2020, o G9 teria atuado na repressão a manifestações populares.

Após a morte de Moïse, a coalizão fortaleceu ainda mais a sua influência. Na época, o grupo foi responsável por bloquear as instalações do Terminal Varreux – a principal instalação petrolífera de Porto Príncipe – e por comprometer o fornecimento de combustível à capital por cerca de dois meses. Quanto à sua área de atuação, o G9 concentra-se na capital haitiana e exerce influência em diferentes bairros por meio das gangues que compõem a coalizão. Dentre as gangues vinculadas à coalizão destacam-se Krache Dife, Chen Mechan, Simon Pelé, Baz Pilate e Ti Bois. A importância da coalizão também se refletiu na amostra analisada, visto que o G9 e os grupos que a compõem foram identificados em 15 das notícias selecionadas para esta pesquisa (Insight Crime, 2023).

Gráfico 1: Frequência de ocorrência das principais gangues e coalizões na amostra de notícias (2018-2023)



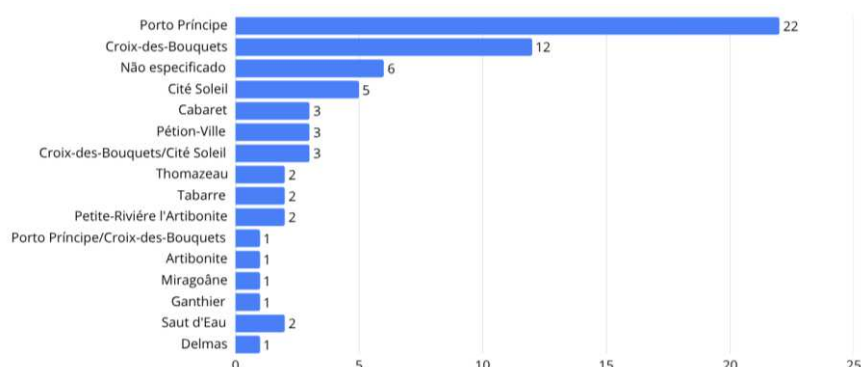
Fonte: Elaboração própria com base nas notícias coletadas nos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*

Conforme observado no gráfico 1, a 400 Mawozo e a 5 Seconds foram as organizações armadas mais recorrentes na amostra analisada, aparecendo em 16 e 11 notícias, respectivamente. Também se destaca o elevado número de notícias em que os grupos armados não foram especificados, totalizando 15 ocorrências. Quando agrupadas por coalizão, observa-se a predominância dos grupos associados à G-Pèp, presentes em 44 das 67 notícias analisadas, enquanto o G9 e seus aliados estiveram relacionados a 19 registros. Esses resultados sugerem maior visibilidade e incidência das organizações vinculadas à G-Pèp no período estudado.

4.3 Territorialização: principais cidades e comunas sob influência

A atuação das gangues haitianas está diretamente relacionada ao controle de determinados espaços urbanos e de rotas estratégicas do país. Nesse sentido, a distribuição territorial das notícias analisadas permite identificar as principais áreas afetadas pela violência armada entre 2018 e 2023. Conforme observado no gráfico 2, as ocorrências concentraram-se principalmente na região metropolitana de Porto Príncipe.

Gráfico 2: Principais cidades e comunas afetadas pela violência das gangues segundo a amostra analisada (2018-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nas notícias coletadas nos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*

Porto Príncipe concentrou o maior número de ocorrências na amostra, com 22 notícias, seguida por Croix-des-Bouquets, com 12 registros. Também se destacam Cité Soleil, Cabaret e Pétion-Ville, embora em menor proporção. Além disso, seis notícias não apresentavam informações suficientes para a identificação precisa da localidade afetada e foram classificadas como “Não especificado”.

À primeira vista, a concentração das ocorrências em Porto Príncipe pode parecer contraditória em relação à literatura sobre atores violentos não estatais. Conforme aponta Mandelbaum (2021), uma das tendências dos conflitos contemporâneos é a subnacionalização, caracterizada pelo deslocamento das zonas de combate para o interior das cidades e para regiões fronteiriças, onde a presença estatal tende a ser mais frágil. Contudo, o caso haitiano apresenta uma dinâmica particular. Entre 2018 e 2023, o agravamento da crise política e institucional, intensificado após o assassinato do presidente Jovenel Moïse em 2021, reduziu significativamente a capacidade do Estado de exercer o controle territorial e de garantir a segurança pública. Nesse contexto, o vácuo de poder deixou de se restringir às áreas periféricas e passou a atingir a própria região metropolitana de Porto Príncipe, principal centro político e econômico do país. Dessa forma, a concentração das notícias na capital não contradiz a literatura apresentada, mas reforça o argumento de que os atores violentos não estatais tendem a expandir sua atuação em espaços onde a autoridade estatal se mostra incapaz de exercer efetivamente suas funções.

Por sua vez, a elevada recorrência em Croix-des-Bouquets aproxima-se das dinâmicas apontadas pela literatura. Localizada na periferia da região metropolitana de Porto Príncipe, a comuna abriga áreas como Canaan, Onaville e partes da região de Cul-de-Sac. Além disso, sua posição estratégica nas rotas de circulação que conectam a capital ao interior do país e à

fronteira com a República Dominicana favorece a atuação de grupos armados. Dessa forma, a recorrência da localidade nas notícias reforça a perspectiva de que esses grupos tendem a se consolidar em espaços marcados pela fragilidade da presença estatal e pela importância estratégica do território.

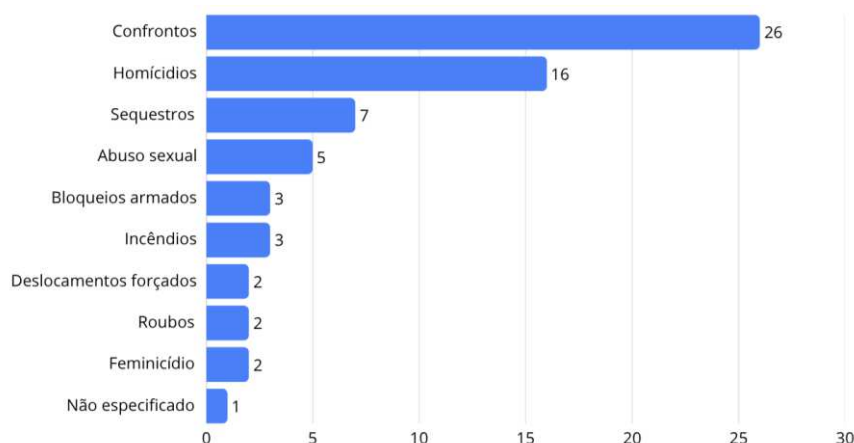
4.4 Tipologias da violência e seus impactos sobre o Haiti

Após a identificação das principais gangues atuantes e das áreas mais afetadas pela violência armada, buscou-se analisar como essa violência se manifestou e quais impactos produziu na sociedade haitiana. Para isso, as notícias foram classificadas de acordo com a principal forma de violência reportada, sua natureza (direta, indireta ou mista) e os impactos predominantes observados. Além disso, examinou-se a distribuição temporal das ocorrências.

4.4.1 Principais formas de violência identificadas

A análise das notícias coletadas permitiu identificar as principais formas de violência praticadas pelas gangues haitianas entre 2018 e 2023. Para isso, cada notícia foi classificada de acordo com a principal manifestação de violência reportada, o que permitiu observar padrões de atuação mais recorrentes. Assim, o gráfico 3 apresenta a distribuição das principais formas de violência identificadas na amostra analisada.

Gráfico 3: Principais formas de violência identificadas nas notícias analisadas (2018-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nas notícias coletadas nos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*

Conforme observado, os confrontos armados constituíram a principal forma de violência identificada nas notícias analisadas, totalizando 26 registros. Em seguida, destacam-se os homicídios, presentes em 16 notícias, e os sequestros, identificados em 7 ocorrências. Também

foram identificados 7 casos de violência de gênero, evidenciados por 5 registros de abuso sexual e 2 casos de feminicídio.

Os confrontos armados foram a principal forma de violência identificada na pesquisa, totalizando 26 ocorrências. A predominância dessa categoria está relacionada às disputas territoriais entre gangues rivais e aos confrontos entre grupos armados e forças de segurança estatais. Os homicídios constituíram a segunda forma de violência mais recorrente identificada na pesquisa, presentes em 16 notícias. A elevada incidência de homicídios reforça o caráter letal da atuação das gangues haitianas e demonstra que a violência armada não se restringe às disputas entre grupos rivais, atingindo também a população civil. Essa dinâmica também pode ser observada nos dados da ONU, que registraram 2.095 homicídios intencionais no primeiro semestre de 2023, um aumento de 67,6% em relação ao mesmo período de 2022, o que corresponde a uma média de 11,6 homicídios por dia (ONU, 2023, p. 135).

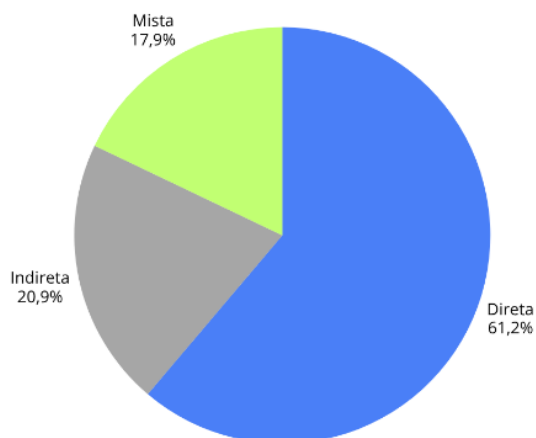
Os sequestros constituíram a terceira forma mais recorrente, identificados em sete notícias. A incidência desse tipo de violência está relacionada ao papel que os sequestros passaram a desempenhar no financiamento das gangues haitianas. Segundo o Painel de Peritos das Nações Unidas sobre o Haiti (2023), os sequestros para obtenção de resgate constituem uma das principais fontes de receita desses grupos. Os valores pagos em resgate variam de sete mil dólares a quinhentos mil dólares, dependendo do perfil das vítimas (ONU, 2023, p. 21).

A violência de gênero também esteve presente, identificada em sete ocorrências, distribuídas entre cinco casos de abuso sexual e dois de feminicídio. Contudo, a ONU (2023) aponta que os crimes relacionados à violência sexual e de gênero continuam subnotificados devido a estigmas, ao medo de represálias e ao acesso limitado das vítimas às instituições de apoio. A utilização da violência sexual e de gênero pelas gangues integra uma dinâmica de poder, controle e extorsão, na qual esses grupos empregam essa prática para exercer controle sobre territórios e populações e, em casos de sequestro, obter recursos mediante o pagamento de resgates (ONU, 2023, p. 30).

4.4.2 Classificação da violência segundo sua natureza

A fim de compreender os diferentes impactos decorrentes da atuação das gangues haitianas, as notícias analisadas foram classificadas em violência direta, indireta e mista, conforme os critérios metodológicos estabelecidos nesta pesquisa.

Gráfico 4: Distribuição dos episódios de violência segundo sua classificação (direta, indireta e mista) (2018-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nas notícias coletadas nos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*

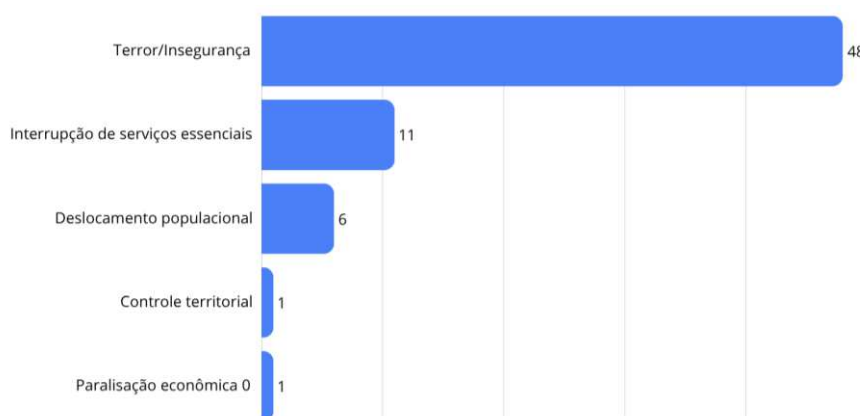
Conforme observado no gráfico 4, a violência direta foi a categoria mais recorrente, representando 61,2% (41 notícias) da amostra analisada. Em seguida, destacam-se a violência indireta, com 20,9% (14 notícias), e a mista, com 17,9% (12 notícias).

A predominância da violência direta evidencia que a atuação das gangues haitianas esteve fortemente associada a agressões imediatas contra civis e comunidades, manifestadas por meio de confrontos armados, homicídios, sequestros, abusos sexuais e outras formas de violência física. Por outro lado, a presença significativa de episódios classificados como violência indireta e mista indica que os impactos da atuação das gangues vão além dos danos físicos imediatos. Nesses casos, foram identificadas consequências como interrupção de serviços essenciais, deslocamentos populacionais, restrições à mobilidade e insegurança.

4.4.3 Principais impactos da violência das gangues

Para compreender as consequências da violência perpetrada pelas gangues haitianas, as notícias foram classificadas de acordo com o principal impacto associado a cada ocorrência. Essa etapa permitiu identificar os efeitos mais frequentemente associados à atuação desses grupos entre 2018 e 2023. O gráfico 5 apresenta a distribuição dos impactos observados na pesquisa.

Gráfico 5: Principais impactos da atuação das gangues identificados nas notícias analisadas (2018-2023)



Fonte: Elaboração própria com base nas notícias coletadas nos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*

Os dados apresentados no gráfico 5 evidenciam que o terror e a insegurança constituíram os impactos mais recorrentes da atuação das gangues haitianas, totalizando 48 ocorrências. Em seguida, destacam-se a interrupção de serviços essenciais, presente em 11 registros, e o deslocamento populacional, identificado em 6 notícias. Já os impactos relacionados ao controle territorial e à paralisação econômica apresentaram menor incidência, com apenas um registro cada.

A predominância da categoria terror e insegurança demonstra que os efeitos da atuação das gangues ultrapassam os episódios de violência direta, produzindo um ambiente de medo constante para a população. A recorrência desse impacto nas notícias analisadas evidencia que confrontos armados, homicídios, sequestros e demais práticas violentas não visam apenas a afetar as vítimas imediatas, mas também a percepção coletiva de segurança, restringindo a circulação de pessoas e alterando as dinâmicas sociais. Sobre isso, a ONU (2023, p. 32) aponta que os ataques indiscriminados visam aterrorizar a população e garantir a obediência, especialmente em áreas dominadas por gangues rivais.

A interrupção de serviços essenciais constituiu o segundo impacto mais recorrente identificado na pesquisa, presente em 11 notícias. Os registros analisados indicam que a atuação das gangues afetou diretamente o funcionamento de serviços fundamentais à população, comprometendo a mobilidade urbana, o abastecimento de bens essenciais e o acesso às instituições públicas. Entre os serviços mais frequentemente afetados destacam-se os transportes e os estabelecimentos responsáveis pelo abastecimento da população, como supermercados e centros de distribuição. Também foram identificadas ocorrências envolvendo

escolas, serviços de saúde, o sistema de distribuição de água e de energia, além de órgãos públicos ligados à segurança e à justiça (ver Apêndice A).

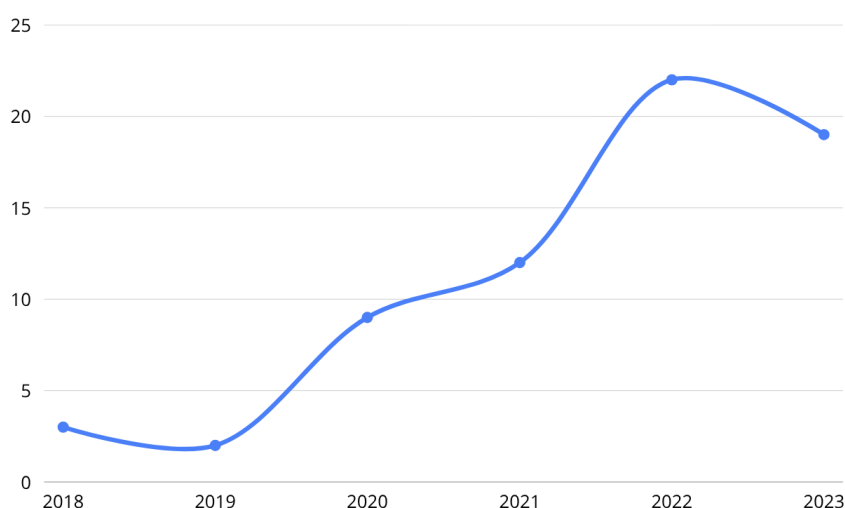
O deslocamento populacional foi identificado em seis notícias analisadas, configurando-se como o terceiro principal impacto associado à atuação das gangues haitianas. Esse fenômeno está relacionado à intensificação da violência armada e às disputas territoriais entre grupos rivais, que forçam famílias inteiras a abandonar suas residências em busca de áreas consideradas mais seguras. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM), entre junho e agosto de 2022, 96 mil indivíduos fugiram da capital Porto Príncipe, em virtude da violência entre gangues (OIM, 2022).

Em conjunto, os resultados demonstram que a atuação das gangues haitianas gera impactos que vão além da violência física imediata. A disseminação do medo, a interrupção de serviços essenciais e o deslocamento forçado da população evidenciam que a violência armada afeta diretamente as condições de vida e o funcionamento da sociedade haitiana, aprofundando um contexto de fragilidade institucional e de crise humanitária.

4.4.4 Distribuição temporal das ocorrências

Para identificar possíveis variações na intensidade da violência ao longo do tempo, as notícias foram organizadas por ano de publicação. O gráfico 6 apresenta a distribuição anual das ocorrências registradas na pesquisa entre 2018 e 2023.

Gráfico 6: Número de notícias por ano



Fonte: Elaboração própria com base nas notícias coletadas nos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*

Os dados apresentados no gráfico 6 indicam um aumento progressivo do número de notícias relacionadas à atuação das gangues haitianas ao longo do período analisado. Em 2018

e 2019 foram identificadas, respectivamente, três e duas notícias. A partir de 2020, observa-se um crescimento mais acentuado, com nove registros, seguido de doze notícias em 2021. O pico ocorreu em 2022, com 22 recorrências, enquanto 2023 apresentou uma leve redução, totalizando 19 notícias.

O crescimento observado a partir de 2020 coincide com importantes transformações no cenário securitário haitiano; nesse período, destacou-se a formação da coalizão G9. Em 2021, o assassinato do presidente Jovenel Moïse aprofundou a crise política e institucional do país, contribuindo para a expansão da influência das gangues em diversas regiões. Já em 2022, ano que concentra o maior número de ocorrências, observou-se uma intensificação das disputas territoriais entre as gangues e o aprimoramento de suas estratégias de atuação. Embora 2023 apresente uma redução em relação ao ano anterior, os dados indicam a permanência da atuação das gangues. Esse comportamento temporal reforça a interpretação de que o fortalecimento das gangues esteve diretamente associado ao aprofundamento da crise política e institucional haitiana ao longo do período analisado.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou mapear e analisar, a partir de notícias de jornais locais, a atuação das gangues enquanto atores violentos não estatais no Haiti entre 2018 e 2023. Tal análise identificou os principais grupos armados, as localidades mais afetadas, a classificação da violência, as formas de violência empregadas e os impactos decorrentes de suas ações. As notícias analisadas foram publicadas pelos jornais *Le Nouvelliste* e *Haiti en Marche*, ambos vinculados majoritariamente à cobertura de acontecimentos no país caribenho.

Diante disso, a partir da coleta de dados realizada com a metodologia empregada, os resultados demonstraram que a atuação das gangues ultrapassa a dimensão da criminalidade comum, estando atrelada à disfuncionalidade do poder estatal haitiano, que, ao longo dos anos, alimentou um cenário de crise, exposto pela falta de políticas públicas coesas, pelo incentivo indireto a grupos armados, por escândalos de corrupção e pela retroalimentação de costumes colonialistas.

Quanto aos resultados, a análise evidenciou a predominância de grupos vinculados às coalizões G-Pèp e G9, destacando, nesse sentido, as gangues aliadas 400 Mawozo e Krache Dife, respectivamente. A localidade das ocorrências destacou a capital haitiana Porto Príncipe como maior ponto de concentração de notícias, enfatizando que as gangues haitianas possuem uma atuação para além de áreas periféricas como de costume identificar. Além disso, observou-se que as formas de violência mais recorrentes envolveram confrontos armados, homicídios, sequestros e violência de gênero, o que destaca o uso predominante da violência direta e a ocorrência de violações sistemáticas aos direitos humanos.

No que se refere aos impactos identificados, verificou-se que a violência praticada causa, principalmente, terror e insegurança à população haitiana, restringindo a autonomia dos cidadãos, o acesso a serviços essenciais e o funcionamento de atividades comuns no dia a dia. Sob a perspectiva temporal, a análise das notícias permitiu identificar uma intensificação gradual da atuação das gangues: enquanto em 2018 e 2019 houve poucas notícias, os anos posteriores evidenciaram maior recorrência, o que coincide com o agravamento da crise política e econômica do país. Dessa forma, a hipótese levantada pôde ser confirmada, uma vez que o agravamento da fragilidade estatal haitiana nos 5 anos analisados pela pesquisa favoreceu a expansão das gangues nos grandes centros urbanos do Haiti, intensificando a sua influência territorial e seus impactos sobre a população civil.

Por fim, a relevância deste estudo reside na contribuição para a compreensão da atuação de atores violentos não estatais em contextos de fragilidade institucional. No caso haitiano, a

expansão das gangues armadas tornou-se um dos principais desafios à governança, à segurança e à garantia dos direitos da população. Ao sistematizar informações coletadas da imprensa local, esta pesquisa buscou oferecer um panorama dos principais grupos armados, de suas áreas de atuação, das formas de violência empregadas e dos impactos decorrentes de suas ações. Espera-se, assim, que os resultados apresentados contribuam para futuras pesquisas sobre violência, direitos humanos, Estado haitiano e para o aprofundamento dos estudos sobre atores violentos não estatais nas Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, William. **Os condenados deste mundo: o impacto do Code Noir francês na colônia de São Domingos (1667-1791)**. 2025. 79 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/6ac06bad-3b3c-45ae-a4f4-b948f1ebb268>. Acesso em: 01 mai. 2026.
- BLAISE, Juhakenson; OCTAVE, Fritznel D. Le Nouvelliste faces the changes in the media landscape. **The Haitian Times**, 22 maio 2025. Disponível em: <https://haitiantimes.com/2025/05/22/le-nouvelliste-faces-the-changes-in-the-media-landscape/>. Acesso em: 12 jul. 2026.
- BERRINGER, Tatiana. O conceito de Estado para os estudos realistas das relações internacionais: uma análise sobre a obra A política entre as nações de Hans Morgenthau. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 2, p. 16–37, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/142992>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- BIANCHI, Alvaro. O conceito de Estado em Max Weber. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 92, p. 79–104, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/bNshhdRwcCdKfVKLdJMjX9L/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2026.
- BRASIL. Defensoria Pública da União. **Recomendação nº 4879145**, de [2021 ou 2022]. Acolhida humanitária e regularização migratória de cidadãos haitianos. Brasília, DF: DPU, [2021 ou 2022]. Disponível em: <https://direitoshumanos.dpu.def.br/wp-content/uploads/2022/01/Recomendac%cc%a7a%cc%83o-N-4879145-Acolhida-Humanitaria-Haitianos.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2026.
- CASIMIR, Jean. O Haiti e suas elites: o interminável diálogo de surdos. **Universitas: Relações Internacionais**, Brasília, v.10, n.2, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://www.jus.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/download/2071/1760>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- CONSELHO de Segurança das Nações Unidas. **Resolução 1540**. 2004. Disponível em: [https://www.vertic.org/media/assets/nim_docs/NIM%20Tools%20\(Factsheets\)/FS6_UNSCR_PT_MAY_2011.pdf](https://www.vertic.org/media/assets/nim_docs/NIM%20Tools%20(Factsheets)/FS6_UNSCR_PT_MAY_2011.pdf). Acesso em: 11 abr. 2026.
- COUTINHO, Rachel; GOMES, Victor. Clausewitz e os conflitos irregulares: um panorama sobre as “novas” guerras no século XXI. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 31, nº 62, p. 171-183, 2016. Disponível em: <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/468>. Acesso em: 19 mai. 2026.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FONDASYON Je Klere. **Rapport: Situation de la terreur em Haiti, les chiffres noirs du gouvernement d’Ariel Henry**. Fondasyon Je Klere, 2022. Disponível em: <https://www.fjkl.org.ht/images/doc/Rapport-FJKL-Situation-terreur-en-Haiti-avril-2023.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2026.
- GENEVA Declaration Secretariat. **The Global Burden of Armed Violence: Lethal Encounters**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/Crime-statistics/Global-Burden-of-Armed-Violence-full-report.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2026.

GLOBAL Initiative Against Transnational Organized Crime. **Haiti**: Evolution of gangs, armed groups and political violence. 2022. Disponível em: <https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2022/10/GITOC-Gangs-of-Haiti-Timeline.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2026.

HAITI tentar alcançar orçamento que agrada população, políticos e FMI. **IstoÉ Dinheiro**, 2017. Disponível em: <HTTPS://ISTOEDINHEIRO.COM.BR/HAITI-TENTAR-ALCANCAR-ORCAMENTO-QUE-AGRADE-POPULACAO-POLITICOS-E-FMI>. Acesso em: 26 mai. 2026.

HAMANN-NIELEBOCK, Eduarda; CARVALHO, Ilona. A violência armada e seus impactos sobre a população civil: um fardo necessário? **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 2, n. 1, p. 104–118, 2008. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/rbsp/article/view/29>. Acesso em: 15 abr. 2026.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HURBON, Laënnec. A crise do Haiti é reflexo da corrupção com endosso internacional. Entrevista concedida a Wagner Fernandes de Azevedo. **Instituto Humanitas Unisinos — IHU**: São Leopoldo, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/587235-a-crise-do-haiti-e-reflexo-da-corrupcao-com-endosso-internacional-entrevista-especial-com-laennec-hurbon>. Acesso em: 30 mai. 2026.

INSIGHT Crime. **400 Mawozo**. InSight Crime, Washington: DC, 2024. Disponível em: <https://insightcrime.org/haiti-organized-crime-news/400-mawozo/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

INSIGHT Crime. **5 Seconds**. InSight Crime, Washington: DC, 2024. Disponível em: <https://insightcrime.org/haiti-organized-crime-news/5-seconds/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

INSIGHT Crime. **G9 and Family**. InSight Crime, Washington: DC, 2024. Disponível em: <https://insightcrime.org/haiti-organized-crime-news/g9-family-profile/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

JAMES, Cyril. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Power and Interdependence**. Londres, England: Pearson Education, 2011. Disponível em: <https://is.cuni.cz/studium/predmety/index.php?do=download&did=231748&kod=JPM033>. Acesso em: 02 abr. 2026

LEITE, Carlos. TEORIA, METODOLOGIA E POSSIBILIDADES: OS JORNAIS COMO FONTE E OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA. **Revista Escritas**, v. 7, n. 1, p. 03–17, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/1629>. Acesso em: 30 nov. 2025.

LIMA, Redy. **Gangues, novíssimas guerras e subcultura da violência/delinquência**. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão, CESA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/463c87f0-b60a-42f8-9f8c-95adf923eb53>. Acesso em: 14 abr. 2026.

MANDEL, Robert. **Global Security Upheaval**: Armed Nonstate Groups Usurping State Stability Functions. Redwood City, US: Stanford Security Studies, 2013.

MANDELBAUM, Henoch. O conflito armado no século XXI: os impactos dos novos atores combatentes nas novas guerras. **NUPRI Working Papers**, 2021. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/81837>. Acesso em: 03 mar. 2026

MIELNICZUK, Fabiano. A DIFERENÇA QUE A ONTOLOGIA FAZ: INTERGOVERNAMENTALISMO LIBERAL, CONSTRUTIVISMO E INTEGRAÇÃO EUROPEIA. **SÉCULO XXI: Revista de Relações Internacionais - ESPM**, v. 6, n. 1, p. 71–86, 2015. Disponível em: <https://seculoxxi.espm.br/xxi/article/view/108>. Acesso em: 06 abr. 2026.

MUFWENE, Salikoko. Creole languages. In: **Britannica**. 2026. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/creole-languages>. Acesso em: 16 abr. 2026.

NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança. **Letter dated 14 january 2026 from the Secretary General addressed to the Presidente of the Security Council**. ONU, 2026. Disponível em: <https://documents.un.org/doc/undoc/gen/n25/368/65/pdf/n2536865.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2026.

NATIONAL Lawyers Guild and Haiti Action Committee. **The Lasalin Massacre and the Human Rights Crisis in Haiti**. NLG, 2019. Disponível em: <https://www.nlg.org/report-the-lasalin-massacre-and-the-human-rights-crisis-in-haiti/>. Acesso em: 24 mai. 2026.

ORGANIZAÇÃO Internacional Para As Migrações. **Violência de gangues força 96 mil haitianos a se deslocarem na capital, diz relatório da OIM**. Brasília, DF: OIM Brasil, 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/violencia-de-gangues-forca-96-mil-haitianos-se-deslocarem-na-capital-diz-relatorio-da-oim>. Acesso em: 14 jun. 2026.

PESCHANSKI, João. Haiti. In: **Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe**. USP: São Paulo, 2017. Disponível: <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/espanol-haiti>. Acesso em: 13 jun. 2026.

POPKIN, Jeremy. **A concise history of the Haitian Revolution**. Malden: Wiley Blackwell, 2011. Disponível em: <https://centrostudimetafisici.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/04/jeremy-d-popkin-a-concise-history-of-the-haitian-revolution-2011.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2026.

REMITLY. **7 fatos que você provavelmente não sabia sobre a moeda haitiana**. 2022. Disponível em: <https://www.remitly.com/blog/pt/moedas/moeda-haitiana/>. Acesso em: 16 abr. 2026.

ROSA, Renata. A construção da Desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais. **Universitas: Relações Internacionais**, Brasília, v.4, n.2, 2007.

ROSA, Renata; PONGON, Vogly. A República do Haiti e o processo de construção do Estado-nação. **Revista Brasileira do Caribe**, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1591/159128818007.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2026.

RUSTAD, Siri. **Conflict Trends: A Global Overview, 1946-2024**. Oslo: PRIO, 2025. Disponível em: <https://www.prio.org/publications/14453>. Acesso em: 24 fev. 2026.

SBAMPATO, Kaique. As novas guerras e os Estados: o "estado de violência" da Venezuela à luz da urbanização do conflito. **Revista Defesa e Segurança**, v. 3, n. 1, p. 154–169, 2018. Disponível em: <https://revistaeletronica.fab.mil.br/index.php/afa/article/view/34>. Acesso em: 07 mar. 2026.

SILVA, Railson. **Pensamentos internacionalistas: James Rosenau - People Count!** Internacional da Amazônia, 2024. Disponível em: <https://internacionaldaamazoniacoms.com/2024/05/14/pensamentos-internacionalistas-james-rozenau-obra-people-count/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

- SISTEMA Económico Latinoamericano y del Caribe. **Acuerdo de cooperación energética Petrocaribe**. Caracas: SELA, 2015. Disponível em: <https://sela.org/publicaciones/cooperacion-energetica-petrocaribe/>. Acesso em: 27 mai. 2026.
- SCHOUTEN, P. **Theory Talk #30**: Mary Kaldor on Framing War, the Military-Industrial Complex, and Human Security. *Theory Talks*, 16 maio 2009. Disponível em: <http://www.theorytalks.org/2009/05/theory-talk-30.html>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- THE Haitian Times. O escândalo da Petrocaribe pode ser o fim do presidente haitiano Jovenel Moïse? **The Haitian Times**, 2019. Disponível em: <https://haitiantimes.com/pt/2019/06/10/o-escandalo-da-petrocaribe-pode-ser-o-fim-do-presidente-haitiano-jovenel-moise/>. Acesso em: 26 mai. 2026.
- THOMAS, Troy; KISER, Stephen. **Lords of the Silk Route**: Violent Non-State Actors in Central Asia. Institute for National Security Studies Academy, Colorado, 2002.
- TRADING Economics. **PIB do Haiti**. 2024. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/haiti/gdp>. Acesso em: 15 mai. 2026.
- UNICEF. **Haiti Cartographie de violence**. Port-au-Prince: UNICEF, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/media/49866/file/Haiti%20Cartographie%20de%20violence%20ORIGINAL%20FRENCH.pdf.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.
- UNITED Nations Development Programme. **Human Development Report 2025**: a matter of choice: people and possibilities in the age of AI. New York: UNDP, 2025. Disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/global-report-document/hdr2025reportpt.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.
- UNITED NATIONS. Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (OCHA). **Aperçu des besoins humanitaires**: Haiti. New York: OCHA, 2021. Disponível em: https://www.ecoi.net/en/file/local/2046961/hti_hno_2021-fr.pdf. Acesso em: 04 jun. 2026.
- UNITED Nations. Security Council. **Resolution 2653 (2022)**: Adopted by the Security Council at its 9159th meeting, on 21 October 2022. New York: UN, 2023. Disponível em: [https://docs.un.org/en/S/RES/2653\(2022\)](https://docs.un.org/en/S/RES/2653(2022)). Acesso em: 4 jun. 2026.
- UNITED NATIONS. Security Council. **Letter dated 15 September 2023 from the Secretary-General addressed to the President of the Security Council**. S/2023/674. Nova York: UN, 15 sept. 2023. Disponível em: <https://docs.un.org/fr/S/2023/674>. Acesso em: 11 jul. 2026.
- UNITED Nations. **United Nations Convention against Transnational Organized Crime**. Nova Iorque: United Nations Office on Drugs and Crime, 2000. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/treaties/UNTOC/Publications/TOC%20Convention/TOCbook-e.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2026.
- VALENÇA, Marcelo. **Novas guerras, Estudos de Paz e Escola de Copenhague**: uma Contribuição para o Resgate da Violência pela Segurança (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16533/16533_1.PDF. Acesso em: 20 mar. 2026.
- VINCENT, Marc-Donald. L'origine contemporaine des gangs armés en Haïti. **Revue Haïtienne des Sciences Sociales et Humaines**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://hal.science/hal-04680465>. Acesso em: 08 mar. 2026.

WAGNER, Markus. Non-State Actors. In: **Max Planck Encyclopedia of Public International Law**. Estados Unidos: Oxford University Press. Disponível em: <https://opil.ouplaw.com/display/10.1093/law:epil/9780199231690/law-9780199231690-e1445#>. Acesso em: 10 abr. 2026.

WALTZ, Kenneth. **Teoria das relações internacionais**. Lisboa: Gradiva, 2002.

WILLIAMS, Phil. Violent non-state actors And National and international security. **Eidgenössische Technische Hochschule Zürich**, 2008. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/93880/vnsas.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2026.

WORLDOMETER. População do Haiti. In: **Caribe**. 2026. Disponível em: <HTTPS://WWW.WORLDOMETERS.INFO/PT/POPULACAO-MUNDIAL/HAITI-POPULACAO/>. Acesso em: 16 abr. 2026

APÊNDICE A – Planilha de mapeamento das matérias jornalísticas analisadas

[Planilha de mapeamento das matérias jornalísticas analisadas](#)